

**Número 4, Ano 2021**

REVISTA DA SOCIEDADE DE PSICANÁLISE IRACY DOYLE

ENSAIOS

FEVEREIRO, 2022

**Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle – SPID**  
**Revista Ensaios número 4, ano 2021**  
**São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ, fevereiro de 2022**

**Equipe Editorial Revista Ensaios**

Angela Coutinho  
Cynthia Azevedo  
Janaina Garcia  
Leandro Santos  
Nadia Couri  
Ninfa Parreiras  
Solange Bluvol

**Produção e revisão**

Angela Coutinho  
Cynthia Azevedo  
Ninfa Parreiras

**Editoração eletrônica**

Abreu's System

**SOCIEDADE DE PSICANÁLISE IRACY DOYLE – SPID**

Rua Visconde de Pirajá, 156/307, Ipanema – CEP 22410-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel: 21 – 25220032 | [spid.secretaria@gmail.com](mailto:spid.secretaria@gmail.com) e [spid.adm@gmail.com](mailto:spid.adm@gmail.com)

facebook SPID – Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle

instagram SPID – sociedade de psicanálise

## Cynthia Azevedo e Ninfa Parreiras

**N**esta 4ª edição da Revista Ensaio da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle - SPID, reafirmamos a pluralidade da psicanálise com a qual dialogamos: da obra de Sigmund Freud aos autores e pensadores contemporâneos. Como segundo número digital, produzido durante a pandemia de COVID 19, escolhemos o *não lugar* como tema orientador para as diferentes contribuições aqui presentes, tanto dos colegas da SPID quanto de parceiros fora da nossa sociedade.

Ensaio, reflexões teóricas e clínicas, pesquisas, resenhas, manifestações artísticas e literárias (conto, crônica, fotografia e pintura) estão aqui reunidas. É alentador trazer um conjunto de produções que colocam em evidência a arte e os processos sublimatórios, bem como a psicanálise repensada a partir da virtualidade que nos envolveu com o isolamento social. Pensar o *não lugar* é apontar alternativas, é olhar a psicanálise a partir dos seus muitos lugares e não lugares.

Desde março de 2020, a SPID, solidária às ameaças da pandemia que vivemos, suspendeu suas atividades presenciais e investiu na promoção de seminários, grupos de estudos, jornadas e encontros totalmente virtuais. Muitos colegas e parceiros tanto da cidade do Rio de Janeiro, quanto de outras cidades e até de outros países se juntaram a nós ao longo desses dois anos.

Prestamos uma homenagem póstuma ao grande artista indígena Jaider Esbell (1979-2021). Ele esteve em nossa sala virtual em agosto de 2021, para um bate-papo intimista sobre subjetividades, artes, protagonismo indígena, sonhos e inconsciente. Sua arte nos desloca para as nossas origens e ancestralidades e nos coloca o fazer coletivo e os processos da natureza como desafios.

Agora, convidamos todos vocês a abrirem a nossa Ensaio e conhecerem:

Na seção **Pesquisas**, trazemos textos que partem de teoria da filosofia e/ou da psicanálise: Além da pílula para oniausência, Tabatah Flores; A psicanálise em face dos desafios do ciberespaço, Marcio Garrit; e O homem que se traduzia – escrituras, tradições, atos linguísticos, Halina Grynberg.

Já na seção **Antena**, são textos que dialogam com o aqui e o agora; e também resenhas: Racismo – por uma psicanálise implicada, Julia Torres Brandão / Leandro Santos; A radicalização do presente pelo processo de repetição no filme *O Feitiço do Tempo*, de Harold Ramis (1993), Janaina Pires Garcia; e Resenhando para re-existir, Ninfa Parreiras.

Mais adiante, na seção **A Clínica Ressignificada**, temos textos que desenvolvem questões da teoria e da clínica psicanalítica. São eles: O “não lugar” na clínica, Angela Coutinho; e Clínica como um encontro potente por ser precário, Julia Severo.

Na seção **Para Além da Psicanálise**, são textos que trazem a literatura propriamente dita, num enlace com a psicanálise: Um caminho, Ary Band; e Crônica de um não lugar, Cynthia Azevedo.

Por fim, na seção **Encontros**, são artigos relacionados aos seminários e encontros da SPID: Possibilidades do “não lugar” na fotografia, Marcos Sereno; O desaparecimento do erotismo?, Abílio Ribeiro Alves; e Quintas na SPID, Comissão de Divulgação e Publicação.

Trazemos, ao final, uma apresentação **Sobre a SPID** e as listas de **Membros Titulares e Associados** atualizadas até o fechamento desta edição.

Passa as páginas e mergulhe nesta **Ensaio**, feita com muito carinho!

## PESQUISAS

- 7 Além da pílula para oniausência – *Tabatah Flores*
- 11 A psicanálise em face dos desafios do ciberespaço – *Marcio Garrit*
- 18 O homem que se traduzia – escrituras, tradições, atos linguísticos – *Halina Grynberg*

## ANTENA

- 23 Racismo – por uma psicanálise implicada – *Julia Torres Brandão e Leandro Santos*
- 30 A radicalização do presente pelo processo de repetição no filme *O Feitiço do Tempo*, de Harold Ramis (1993) – *Janaina Pires Garcia*
- 32 Resenhando para re-existir – *Ninfa Parreiras*

## A CLÍNICA RESSIGNIFICADA

- 37 O “não lugar” na clínica – *Angela Coutinho*
- 42 Clínica como um encontro potente por ser precário – *Julia Severo*

## PARA ALÉM DA PSICANÁLISE

- 47 Um caminho – *Ary Band*
- 52 Crônica de um não lugar – *Cynthia Azevedo*

## ENCONTROS

- 54 Possibilidades do “não lugar” na fotografia – *Marcos Sereno*
- 62 O desaparecimento do erotismo? – *Abílio Ribeiro Alves*
- 65 Quintas na SPID

## 68 SOBRE A SPID

## 70 MEMBROS TITULARES E ASSOCIADOS



## Além da pílula para oniausência

**Tabatah Flores**

*Psicanalista, membro associado da SPID, e-mail: tabatahflores@gmail.com*

Importantes autores contemporâneos que se debruçaram sobre os estudos da sociedade atual demonstram consenso acerca da ideia de que o capitalismo do século XXI, chamado de tardio, uma espécie de *hipercapitalismo*, acelerado e potencializado pela globalização da informação e pelas redes sociais, reduziu o sujeito a cliente e produto. Transformou, portanto, as relações sociais em relações comerciais.

Outro fator importante que se soma a essa problemática é a agressividade inata como condição humana (FREUD, 1929/1976). Desse modo, por ser preciso dar um escape a essa agressividade, tendo em vista que, para viver em sociedade, é preciso contê-la, mostra-se tentador se unir a grupos de indivíduos com algumas afinidades que, entretanto, têm um único e real propósito: hostilizar quem a ele não pertence.

Nessa tentativa de escoamento da agressividade, somada à globalização decorrente do capitalismo, à comunicação generalizada, ao excesso de informações, e, sobretudo, a uma cultura de superdesempenho — na qual os indivíduos que poderiam usufruir de maior liberdade, por serem economicamente menos vulneráveis, paradoxalmente, tornam-se, no entanto, seus próprios exploradores, com autocobranças de produção e excesso de trabalho —, observa-se o surgimento de um adoecimento psíquico da sociedade, com novas patologias sociais decorrentes do esgotamento do sujeito, como a síndrome de burnout e a depressão ansiosa (BYUNG-CHUL HAN, 2017).

Tais sintomas se revelam também por meio da maior busca por métodos de anestesia da subjetividade (MARIA HOMEM, 2020). O cansaço absoluto, em razão do excesso de estímulos, de informações e de autocobrança, leva o sujeito a anestesiarse, alienarse de si mesmo. Deixar de existir, então, vira o remédio da vez. Não é mais apenas a dor que precisa ser aplacada com analgésicos, é a existência. Afinal, existir tornou-se demasiadamente cansativo. Assim, recursos tecnológicos como a televisão e o celular vão sendo utilizados para viabilizar o não estar em nenhum lugar, a fim de eliminar sua existência, sem precisar de fato morrer, nem deixar de trabalhar e comprar. Seria como morrer em vida, ou viver em morte... como um zumbi.

A tecnologia, então, aparece como uma das criadoras da doença, mas, também, como o remédio para o mal que ajudou a causar. Esse remédio seria a possibilidade de estar ausente de sua própria vida, sendo um sujei-

to multitarefa, que consegue executar diversas atividades ao mesmo tempo, produtivo, conectado a diversas redes concomitantemente, em diversas conversas, sem que se estabeleça um vínculo verdadeiro nem com quem está perto fisicamente, nem com as supostas companhias virtuais. Evita-se, assim, o mal-estar gerado pelo convívio com as alteridades, com os conflitos provocados a partir dessa troca.

O rompimento com a interação humana é, inegavelmente, um método bastante enérgico utilizado quando se deseja evitar o mal-estar oriundo do conflito causado pelas alteridades (FREUD, 1929/1976). Ao se isolar, o sujeito se protege do sofrimento resultante das relações com outras pessoas. No entanto, o incômodo do desamparo surge e incentiva a busca pelo pertencimento. Tendo em vista que esse sujeito exausto quer pertencer sem, entretanto, precisar sofrer as consequências doloridas e cansativas da experiência interativa com outras pessoas, ele limita sua busca a grupos homogêneos.

Assim, esse sujeito que não suporta alteridades vislumbra os espaços homogêneos como único lugar possível de transitar. O espaço virtual, por sua vez, facilita a criação dessas bolhas, por meio de grupos com pensamentos iguais com a propagação de ódio aos grupos de pensamentos opostos. Com cada grupo homogêneo em sua bolha, falando para si mesmo e bloqueando, tornando invisível o que é diferente, evita-se o desconforto do encontro entre desiguais, possibilita-se o escoamento da agressividade ao direcioná-la aos grupos opostos e, por isso, impede-se, infelizmente, o surgimento da síntese dialética, que seria fundamentalmente necessária para a criação de novas teorias. Afinal, se não há confronto de teses, e sim invisibilidade das ideias diferentes, não há chance de criar algo novo.

Por sua vez, em momentos em que o sujeito não teria como escapar desse confronto com as alteridades, os aparelhos eletrônicos de meios de comunicação permitem que o *não lugar* — que seria os espaços onde não há troca de afeto, nem de ideias, onde o sujeito não vive e dos quais não se apropria, nos quais tem apenas uma relação de consumo (MARC AUGÉ, 1992) — seja acessado a qualquer instante.

Esse *não lugar* passa a ser acessado até mesmo em espaços que seriam completamente pessoais e de natural troca entre humanos, como o sofá de casa ao lado de sua família. Porém, não é nada incomum a cena na qual o indivíduo, sentado em frente à TV, olha seu celular para, ao mesmo tempo em que interage em aplicativos de trocas de mensagens, se manifestar em redes sociais, comprar o jantar e cobiçar objetos de consumo. Esses dispositivos eletrônicos permitem, desse modo, que o sujeito esteja em um *não lugar* de forma permanente, se assim desejar. Portanto, hoje, é possível ter o *não lugar* a todo tempo, porque ele pode até mesmo ser levado com o indivíduo por onde for, em seus bolsos, o que faz do planeta Terra inteiro um possível *não lugar*.

É importante salientar que, nesse *não lugar* permanentemente acessível, ou seja, no espaço virtual de relacionamento, as relações com o Outro são apenas relações de consumo, não de troca, ainda que não envolvam propriamente o consumo de objetos. Isso porque a dinâmica entre as pessoas segue como uma dinâmica de mercado: o sujeito se promove, se coloca na prateleira, se expõe, a fim de ser validado pelo Outro, e o faz porque a existência tornou-se um trabalho; então, ainda que não perceba, o sujeito se vê como produto (BAUMAN; MAY, 1975). Assim, nos balcões virtuais, é preciso postar para tentar existir.

Para piorar o que já não estava nada bom, é importante ressaltar que se trata de apenas uma tentativa. Isso porque, nesse mercado das subjetividades, o sujeito, a cada postagem de texto ou foto, busca que “comprem” a validação de sua existência. Em razão disso, se tal postagem não for aplaudida por um número satisfatório de pessoas, ou seja, se não houver quórum suficiente para seu leilão da subjetividade, o sujeito retira a tenta-

tiva frustrada do balcão e se reinscreve trazendo outra versão de si mesmo, pois, para ele, isso significa que aquela existência anterior não foi validada, não foi aceita.

Nesse espaço virtual, até as experiências alegres tornam-se produtos em prateleiras. As fotos de viagens são exibidas não como memória, mas como reafirmação de si mesmo, numa construção de uma *persona* a ser vendida. Assim, viagens, festas, espetáculos e até mesmo vivências cotidianas, como beijo, café da manhã e o descanso na rede, vão sendo esvaziadas de sentido, ao passo que são reduzidas a propagandas. Em razão desse mecanismo mercadológico e compulsivo de interação, perdem-se os benefícios da relação com o Outro, restando apenas ansiedade, frustração e desamparo. Esses sentimentos são consequentes do medo de rejeição, que é experimentada reiteradas vezes, cotidianamente.

Há quem defenda que a busca incessante por esse *não lugar* se dá porque as pessoas não suportam mais o silêncio, por medo de ficarem consigo mesmas. No entanto, o que se observa por meio dos estudos sociais e econômicos é que, na verdade, o sujeito foi empurrado para essa situação em razão das condições precárias e extenuantes de trabalho, de uma cultura de máximo desempenho, de um superestímulo para o consumo e de uma produção cultural de massa, totalmente pasteurizada. Ou seja, esse *hipercapitalismo*, que quer extrair o máximo de lucro e de produtividade em um menor tempo possível, não mediu esforços para que as pessoas fossem reduzidas a meros produtores maquinais e consumidores desalmados, ao mesmo tempo. O filme *Matrix* (Lilly e Lana Wachowski, 1999) apresenta, em uma cena, uma metáfora perfeita para essa condição: os seres humanos imersos e adormecidos em berços líquidos, para gerar energia para a matrix.

Ainda utilizando esse filme como metáfora para essa situação, a psicanálise poderia ser representada pelo personagem Morpheus. Ou seja, a psicanálise simbolizada por aquele que luta para despertar as pessoas para que percebam a realidade que as subjuga, denunciando a matrix e acreditando que alguém desperto dessa ilusão, com as ferramentas e capacidades necessárias, poderia auxiliar o despertar dos outros indivíduos. No entanto, a psicanálise diria para o analista o que Morpheus disse ao Neo: “Eu lhe mostro a porta, mas é você que tem que atravessá-la”.

Tendo a psicanálise também a função de caminho para a libertação das amarras inseridas pelo Grande Outro, a clínica aparece como lugar simbólico, em um momento em que o planeta inteiro é um possível *não lugar*. Como uma falha no sistema da matrix, a clínica pode ser o espaço de encontro com as alteridades, ainda que seja percebido pelo analisando apenas no olhar ou nas perguntas do analista. Ali, em um espaço sem ruídos e sem distrações, duas pessoas verdadeiramente se encontram. Se fosse apenas isso, já seria riquíssimo, mas a clínica carrega algo mais: a possibilidade de exercitar suportar as alteridades.

Nesse sentido, o analista aparece como um facilitador desse caminho. Sua função poderia ser equiparada ao de diretor de fotografia no cinema, que utiliza o método de paralaxe, modificando, aparentemente, o Real, ao apresentar outro ângulo a quem o observa. Paralaxe, do grego *παραλλαγή*, que significa alteração, é a diferença na posição aparente de um objeto em relação a um plano de fundo, tal como visto por observadores em locais distintos, ou por um observador em movimento. Foi utilizada na física e na astronomia, para medir as distâncias de objetos muito distantes. No cinema, por sua vez, a paralaxe surge como técnica para dar vida, de uma maneira mágica e intrigante, a uma imagem estática de arquivo. Por trás desse efeito, há uma espécie de representação do deslocamento de um ponto de vista, por exemplo, um *travelling* de câmera, ou o *plongée*. Essa técnica é baseada no fato de que, quando um observador se movimenta no espaço, há um deslocamento de perspectiva com a variação da posição relativa entre os diversos planos de profundidade da cena observada.

O analista, portanto, nessa problemática social, pode se dispor a ser o possibilitador da existência em um lugar e também instigador da ampliação da perspectiva do olhar, a fim de fomentar no analisando uma existência sem anestesia e uma admiração pelas alteridades. No entanto, cabe ao analisando percorrer o seu caminho. Como dito pelo personagem Neo, em *Matrix*: “Para onde vamos daqui é uma escolha que deixo para você”.

Ao escolher atravessar, o analisando torna-se, pouco a pouco, um sujeito com potencial transformador, tendo em vista que passa a suportar habitar um Lugar, podendo dispensar o *não lugar*, ou seja, existindo. À medida que percorre esse atravessamento, o analisando, para além de suportar e respeitar as alteridades, pode passar a admirá-las. Nesse percurso, o analisando vai também ampliando a perspectiva de seu olhar acerca do Real e, por outro lado, por estar mais liberto das amarras sociais, pode buscar seu Desejo, se permitir o Gozo e, assim, pode abandonar a necessidade de anestesia.

E então, a partir do encontro entre esse analista-diretor-de-fotografia e esse analisando-desperto talvez possa surgir um Terceiro-poesia, que seria o encontro do analisando com a alegria pelo simples gozo da beleza, seja ela qual for para cada um, e esteja ela onde estiver para cada um: nas pessoas, nas atitudes das pessoas, na natureza, nas criações artísticas e filosóficas, nas descobertas científicas... Assim, a beleza, onde estivesse, poderia se tornar inebriante para os sensivelmente atentos, ou para os atentamente sensíveis.

Não obstante a estética, o que há de poético nesse encontro é que essa alegria gerada pela apreciação da beleza não anestesia o sujeito como uma morfina, não o aliena de sua própria vida. Pelo contrário, traz a experiência do existir para o aqui e agora de forma atenta e presente, mas, paradoxalmente, com um efeito de analgesia diante da inevitável dor da existência. Dessa maneira, esse Terceiro-poesia, quem sabe, poderia possibilitar a substituição da pílula azul de *Matrix*, ou melhor, a *pílula da oniausência*, pela fonte inesgotável de um leve analgésico natural não farmacológico e sem efeitos colaterais adversos: o poético.

## Referências

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt, MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, [1976]-1929.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HOMEM, Maria. *A importância da angústia*. Disponível em: [youtube.com/watch?v=15iK1WK48sc](https://www.youtube.com/watch?v=15iK1WK48sc). Acesso em: 10 set. 2021.

# A psicanálise em face dos desafios do ciberespaço

**Marcio Garrit**

*Doutorando em Psicologia Clínica, PUC-Rio. Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade, UVA/RJ. Membro associado SPID, e-mail: marciogarrit@yahoo.com.br*

## Introdução

Desde 2020, o mundo vem atravessando inúmeras mudanças devido ao Covid-19. Antes da pandemia se tornar uma realidade, a evolução tecnológica já era um fator de grandes mudanças, e seu poder e relevância na coordenação dos nossos modos de vida só se tornaram mais evidentes com a pandemia. Como a cultura é algo extremamente importante para a psicanálise, não teria como ficar de fora de tais mudanças tão impactantes, obrigando os analistas à implantação de novas formas de atendimento e quiçá de alguns embasamentos teóricos. Sendo assim, o nosso objetivo com esta pesquisa é propor uma ampla reflexão sobre a necessidade de integração da prática analítica ao mundo digital, assim como apontar para o posicionamento ético/clínico que devemos adotar diante do sofrimento dos sujeitos *versus* mudanças culturais.

Conforme Simões (2009), vivemos em uma era virtual, que marca o estabelecimento das relações pela capacidade de processamento das informações e seus conhecimentos gerados. Relações essas que são mediadas pelas máquinas, instituindo uma exclusividade na forma de se relacionar e, obviamente, excluindo todos que não estiverem integrados a essa lógica digital, pois há uma inteligência coletiva, que, de acordo com Lévy (2011), é o espaço dentro da cibercultura que concentra todas as informações produzidas, sendo um veneno para quem não participa dela e um remédio para quem consegue controlar seus desejos dentro dela.

A partir desse cenário, já presentificado na nossa cultura, cabe aos psicanalistas encontrarem um meio de não só entender o papel da evolução tecnológica e as complicações do ciberespaço para o psiquismo dos sujeitos, como também conciliar a psicanálise e as demandas digitais, seja pela presentificação dos sofrimentos desses outros sujeitos fabricados por essas demandas, seja pela necessidade de reavaliar outros embasamentos teóricos que satisfaçam as necessidades da prática clínica digital e ciberespacial.

## O virtual, a cibercultura e seus outros sujeitos

O século XX pode ser considerado, sem sombra de dúvidas, o século que marca o crescimento e desenvolvimento da tecnologia. Não é novidade, para nós, no século XXI, que esse desenvolvimento foi moldando paulatinamente a forma de nos relacionar e de ver o mundo a partir dos anos 2000. Desde então, percebemos a disseminação, em nível mundial, do virtual, a ponto de assinalarmos esse período como sendo o “boom da internet”. A partir disso, percebe-se um interesse muito grande pela aquisição de computadores e acesso ao ciberespaço. Acreditamos que, a partir daí, inicia-se algo que jamais terá volta: a cibercultura.

Sabe-se que não é todo movimento cultural que tem força global ou poder de modificar nossa forma de fazer laços e entender o mundo. O século XXI vem deixando claro que o desenvolvimento tecnológico aponta para a realização de coisas que até poucas décadas pareciam utopias. A inteligência artificial é um exemplo disso, pois se mostra como uma ferramenta tecnológica em complexa e rápida evolução, que fatalmente irá modificar consideravelmente nosso lugar no mundo. Pertencente ao que se convencionou chamar de revolução 5.0, o objetivo da I.A é coabitar as estruturas, até então, exclusivamente humanas. Pensadores como Yuval Harari e Jürgen Habermas vêm tratando o assunto de forma própria e muito relevante.

Freud, ao longo de trinta anos (1908-1938), escreveu de forma clara e direta sobre a importância da cultura na formação do sujeito. Em todos os seus textos, ele deixa evidente a marca que a cultura insere no indivíduo, causando traumas, repressões, descargas pulsionais diversas etc. Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), o mestre de Viena deixa marcado no seu texto duas passagens que demonstram bem essa relação. Inicia seu texto afirmando que o individual e o social são uma coisa só, e que há uma alteração psíquica no sujeito atrelado a massas, qual seja o tamanho.

*Mas temos o direito de levantar a objeção que nos parece difícil atribuir ao fator numérico uma importância tão grande [...] os inícios de sua formação podem ser encontrados em um círculo mais estreito, como o da família (FREUD, 1921, p.138-139).*

Com isso, não podemos ignorar esse outro sujeito pertencente às massas virtuais, integrado à cibercultura, que não cessa de se modificar a cada passo da evolução tecnológica. Não fazer um exercício de colocar as práticas analíticas no ciberespaço é não só ir contra tudo que Freud escreveu como também corroborar o fim da psicanálise. Dado tal cenário, vê-se a importância de tentar entender o que seria o virtual e o que dele se pospõe.

Para Lévy (2011), o virtual transmite muito mais que imagem, ele transmite uma quase presença. No mundo virtual, a distinção entre original e cópia não tem grandes importâncias, pois há uma mistura de noções de identidade e localização. Com isso, define-se a virtualização como um desprendimento do particular, do tempo e a efetuação e perpetuação do que acontece. As informações se tornam coletivas, sem um dono imediato. O conceito de distância se relativiza, as relações de mercado se tornam mais transparentes e há uma percepção relevante de um sentimento de desterritorialização de tudo. Este movimento proporciona o surgimento de novos espaços com outras formas de operação, provocando novas formas de se relacionar e de se comunicar. A linguagem se torna própria, o movimento de aprendizagem e pensamento se acelera e a evolução cultural vai moldando novas formas e estruturas. Com isso, a virtualização da vida se torna mais forte e com novos parâmetros linguísticos, imagéticos e institucionais. A qualidade dos afetos se modifica, pois o sujeito tem na virtualização um mundo incessante de ofertas estéticas e práticas, o sentimento de não limite se coloca, e com ele uma imensidão de emoções exacerbadas. Vê-se que o mundo virtual acaba por

criar um novo mundo, que de forma direta e indireta se entrelaça com o não virtual, pois não há a possibilidade do cessamento do primeiro.

O ciberespaço tem como particularidade a expansão de si pelos próprios sujeitos do ciberespaço. Cada um é responsável direto pela constante modificação desse novo mundo, se tornando ao mesmo tempo produtor e explorador. Lévy (2011) deixa claro que desse movimento se constitui um novo sujeito e infelizmente ainda não entendido como um sujeito de fato e sim algo que altera o curso, ou passageiro. É essa forma de ver o sujeito ligado ao mundo virtual que cria um cenário imaginário de dois mundos diferentes, e isso não é considerado o melhor caminho, pois o virtual já deixou mais do que claro que é apenas uma extensão do mundo não virtual, uma continuidade, e não um universo paralelo. Importante entendermos que a virtualização da vida está acontecendo em uma velocidade tão grande que gera uma “expulsão” dos sujeitos de suas antigas identidades. Resistir a esse novo momento cultural só causaria o caos, pois tudo se estrutura a partir da relação virtual. O mais recomendado a fazer é dar sentido a esse novo mundo, a essa nova cultura, a essas novas formas de pensar e, conseqüentemente, a um novo, ou diferente, sujeito.

Para entendermos um pouco mais desse mundo virtual, faz-se necessário discorrer mais sobre o ciberespaço. Lévy (2010) atribui a seu crescimento o movimento internacional, desde os anos 1980, de jovens interessados em criar novas formas de se relacionar e viver, ter um mundo diferente das relações presenciais, pois estas não atendem mais aos anseios e desejos desses sujeitos. A cultura é algo cíclico e se mostra mutável de longa data, tal movimento não é algo extraordinário, mas, sim, uma consequência do movimento cultural.

O ciberespaço, onde se articula a cibercultura, é um termo cunhado, segundo Lévy (2010), por William Gibson, escritor de ficção científica, em seu romance chamado *Neuromante*. Lê-se, nesta obra, a existência de um universo de redes digitais em que batalhas mundiais se travam com grandes modificações na estrutura econômica e cultural. Assim, conceitua-se o ciberespaço como um espaço de comunicação aberta por conexões mundiais de computadores e suas memórias incalculáveis de informação registrada. Esse volume inimaginável de informação e de acesso amplo vem tornando viável, e a cada dia mais e mais rápido, o surgimento de novas formas éticas e estéticas do sujeito de estar no laço social. E essas novas formas têm como base principal as relações a distância. Não olhar para isso seria como excluir a percepção de existir desse novo sujeito e, por consequência, do mundo que o rodeia.

A relação de resistência de alguns analistas a respeito da amplitude e profundidade do conceito de ciberespaço, talvez se explique pelos desafios que a cibercultura traz. Esta se mostra sem diretrizes, caminhos fixos e regras. Têm-se apenas indeterminações constantes e uma intensa, incessante e complexa construção, que, porventura, por associação, pode levar aqueles ao encontro de sua própria castração, de seus limites e dificuldades para aceitar a posição de problematização constante da prática analítica e, por isso, a evita. Tal evitação só irá corroborar a estagnação do sujeito e uma possível patologização de suas crenças, pois o ciberespaço produz conectividade global, ou seja, uma reorganização cultural mundial. Não há como ignorar ou se isolar disso. Não há como evitar a internet, pois estamos falando de outro plano de existência, não de modismos, mas, sim, de algo que modifica os gostos, os corpos, o pensamento, a economia, o consumo, a ética e a moral, salva e tira vidas, institui e derruba governos e governantes. Estar participante do virtual, ou do mundo digital, entendendo seu lugar no ciberespaço é o mínimo necessário para situar o sujeito na cibercultura que já se instalou. O movimento óbvio seria iniciar adaptações pessoais e coletivas e não insistir em impossibilidades, inclusive psicanalíticas.

O novo pode ser ameaçador, desgovernante, porém, não deve ser ignorado, pois ele, via de regra, sempre traz outras formas de enxergar a realidade. Temos na internet algo além de um dispositivo relacional, algo

que se parece cada vez mais como um “ser vivo”, onipotente e onipresente, ou até mesmo um tipo de extensão corpórea de seus usuários. Esse tipo de relação institui novas demandas e outros sujeitos. E é disso que nos disporemos a tratar a partir de agora.

Vê-se com Kallas (2016) que a internet traz a imprevisibilidade e o novo, protege os sujeitos digitais oferecendo “anonimato” ou favorece a percepção de ser anônimo ou qualquer outro ser. Isso proporciona a criação de novas fantasias, o que poderíamos chamar de fantasias on-line, ou seja, o sujeito executa no on-line o que no presencial não teria como, ou não conseguiria fazer. Todas essas fantasias on-line encontram aceitação no ciberespaço. Sempre há um lugar que acolhe o que se executa, por mais perversidade que a fantasia on-line apresente. Com isso, a relação ética do sujeito com seu ato virtual se ausenta, e ele se mune de um autopoder e acredita poder viver numa intensa regressão, em contato direto com seu Eu ideal.

Além dessa relação prejudicial, a internet relativiza a percepção de tempo e espaço, facilita os esquecimentos e altera o estado de consciência por possibilitar ao sujeito a “vivência” de uma outra persona. Um outro Eu se estabelece e uma nova relação se presentifica: faço e sou o que quero, não me exponho, não sou punido e não há ausências de gratificação. Percebe-se que o ciberespaço fomenta a criação de um espaço “entre”, um espaço intermediário, ou, se preferir, um espaço delirante.

Esse cenário virtual passa o sentimento de que os sujeitos não usam a internet, eles SÃO a internet. Esse movimento evidencia a sensação de onipotência e as leis do aparelho psíquico parecem não abarcar o funcionamento já estabelecido. Falamos de um sujeito pertencente a um cenário sem barreiras, sem diretrizes, “andando de mãos dadas” com um outro Eu que mais interessar. O ciberespaço proporciona onipotência com escravidão, por mais paradoxal que seja, e com isso, por um lado, faz emergir um sujeito permeado de uma sensação de completude por conseguir satisfazer suas fantasias on-line, e, por outro lado, faz se presentificar um sujeito a cada dia mais insatisfeito e angustiado pelo excesso de ofertas que a cibercultura produz. Tudo se torna fluido, descartável, intenso e patológico. As compulsões encontram seu mundo ideal a partir dessas produções.

Esse outro sujeito, que se faz o próximo e atual sujeito da cultura, vê, sente e se relaciona de uma “não maneira”, pois, ao se estabelecer uma nova forma de se relacionar, outra já se institui. Com isso, a clínica psicanalítica precisa dar sentido ao que acontece no contemporâneo para poder continuar tendo sentido aparecer como clínica na cultura. O enlaçamento da psicanálise com a cibercultura se faz necessário, e só ocorrerá se os psicanalistas pararem de insistir em praticar uma psicanálise analógica em um mundo digital.

## **Analista, analisando, uma nova clínica ou uma nova forma de psicanalisar**

Não é de hoje que as transformações culturais vêm exigindo dos analistas e, conseqüentemente, da própria psicanálise novas formas de posicionamento e esclarecimento perante o novo. O atendimento virtual é um exemplo disso, pois mostra, de acordo com Garrit (2021), que a resistência de muitos analistas precarizou as pesquisas sobre a possibilidade de termos uma psicanálise conciliada com o ciberespaço. Além disso, incredivelmente, se torna antagonista aos próprios parâmetros teóricos da psicanálise, fato observado nos escritos de Freud e Lacan, por exemplo. Sabe-se da solicitação de Lacan para que atualizemos a psicanálise,

colocando algo de si nela, e também da importância que Freud expõe sobre a psicanálise acompanhar a cultura na qual está inserida. A pandemia evidencia uma ortodoxia que necessita ser repensada urgentemente, pois, como afirma Figueiredo (2007), não se pratica a psicanálise em um vazio cultural e histórico, a psicanálise não deve ser vista como uma seita conservadora e reformista. Ela deve se apoiar no cotidiano para que se mostre como uma proposta ética e analítica válida de minoração do sofrimento humano.

A proposta ética evidenciada aqui, acreditamos, deve se iniciar com a protagonização para os olhares analíticos as transformações e demandas dos sujeitos que se dirigem à clínica. De acordo com Green (2019), no seu livro de diálogos em parceria com Urribarri, o autor afirma que sua concepção de sujeito é algo em curso, não sendo possível ser fechado em razão da heterogeneidade de fatores que o compõe. Com isso, vê-se que o sujeito é uma construção constante que se estrutura de acordo com a cultura e o tempo a que pertence, evidenciando novas demandas e consequentes modos de sofrer e estar no laço social.

Sendo a psicanálise orientada relativamente por aquilo que é dito pelos analisandos no setting (GREEN, 1979), ela marca a estreita relação que tem com fatores muito exclusivos e subjetivos na sua elaboração prática e teórica. Não à toa, Green (2018) disse que a incerteza é um fator preponderante em psicanálise, em que o sujeito só pode ser visto de forma indireta, na relação entre inconscientes no *setting*, marcando o alto nível de complexidade para elaboração de uma teoria. Tal teoria que não cessa de mostrar sua impossibilidade de abarcar toda a clínica, deixando sempre um resto que demandará do analista seu entendimento. Dessa forma, entende-se que o avanço da psicanálise só se mostrará viável a partir de uma relação teórica pluralista, em um diálogo contínuo de propostas correspondentes e antagônicas entre si, em que o retorno a Freud não se mostra exclusivamente necessário, mas sim a insistente articulação do intrapsíquico com o intersubjetivo, tornando, assim, a psicanálise uma teoria constantemente construída a partir da experiência. Com isso, percebemos que a psicanálise se direciona insistentemente para o psicanalista, demandando uma eterna atualização em relação ao desenvolvimento de sua prática, colocando-o diante do chamado para se modernizar ou continuar com posições ortodoxas que poderão culminar em uma paralisia da própria psicanálise.

Esse contemporâneo, tão evidente na obra de Green, é aquilo que aponta para estruturas não neuróticas, e todo *modus operandi* que crie a necessidade de uma atualização para retirar a psicanálise dos impasses que se apresentarem a ela, pois Freud não respondeu tudo, e é herança dos psicanalistas darem continuidade nessas buscas. O conservadorismo na psicanálise deve ser repensado, principalmente quando as surpresas surgem na clínica. Essa necessidade de um olhar mais adequado às demandas do contemporâneo pede também uma constante visitação da teoria, para que ela continue no nível de outras áreas, por exemplo, as neurociências e as demandas contemporâneas das ciências sociais, possibilitando a participação e ofertando condições de estar no debate consistentemente, já que seus propósitos clínicos exigem isso.

Diante desses desafios, Green defende o pensamento clínico como uma demonstração ética do analista em acompanhar as sutilezas de cada caso em relação a sua operação transferencial e contratransferencial, pois a clínica atual tem como fundamento a transformação constante. Como já dito, o sujeito inserido na cibercultura é impulsionado a transformações constantes. E é justamente o insistente retorno aos problemas clínicos que marcará a prática analítica como uma prática contemporânea.

Partindo de tal posicionamento, nos dirigimos a uma parte dos diálogos, em que, indagado por Urribarri se o tratamento analítico direcionado a Marilyn Monroe seria correto ou não, Green responde evidenciando condutas que levam a erros que merecem toda nossa atenção, além de propor um manuseio clínico mais condizente com uma forma de pensar essa prática contemporânea. O psicanalista francês alerta para o pe-

rigo de atitudes fatalmente comuns na clínica, sendo elas: a onipotência do analista diante da crença fixa no seu método e a incapacidade de perceber que há momentos que a única saída seria a “invenção de uma técnica” para dar conta daquilo que a teoria até então estabelecida não responde. Uma posição conservadora e de fidedignidade excessiva a uma psicanálise já escrita e dita como definitiva, assim como foi iatrogênico para Marilyn Monroe, pode ser também para outros analisandos.

Saber dos efeitos da fala do analisando no analista e conhecer os limites que o analista pode sustentar a partir dessa fala, é essencial para um bom caminho em análise. Essa postura de evidenciar limites e obstáculos é crucial para incitar o progresso da psicanálise, pois o mais importante é manter o objetivo da psicanálise como pensamento clínico, avançando e progredindo, tentando cumprir com as exigências que a cultura impõe a cada fase. Sendo assim, pensar o futuro da psicanálise é repensar os dogmas que ela apresenta em todas as suas demonstrações teóricas constantemente. De acordo com Tanis (2014), na sua leitura de Green, nisso deve constar, desde a necessidade do divã à dinâmica da castração. Não podemos esquecer que o mal-estar na cultura é inerente e doloroso e que tal mal-estar exige da psicanálise constantes respostas para amenizar os perigos e infortúnios que é estar no laço social. Isso exige do analista o pensamento clínico, ou seja, a busca da melhor forma de pensar a psicanálise com e na clínica, sempre integrando e não distinguindo.

Percebemos que a resistência do analista, apontada anteriormente, a respeito dos estudos da prática clínica on-line, da flexibilização em relação a técnicas de atendimento e teorias sobre o Eu, acabaram por estagnar a psicanálise perante algumas demandas do contemporâneo. O analista que insiste em se colocar de forma analógica em um mundo que, aos poucos, vai deixando de ser analógico perde a oportunidade de entender outras dinâmicas, possivelmente, por sua necessidade de negar que a própria prática analítica não se sustenta em suas próprias convicções e, também, talvez, pela dificuldade extrema de enlutar aquilo que aprendeu. Tais analistas não percebem que, ao insistirem conservadorismos, ortodoxias, fantasias de rigor científico em psicanálise e crenças em teorias definitivas sobre o sujeito, ajudarão a posicionar a psicanálise em vitrines metafísicas e mundos paralelos. É necessário saber quando mudar e ter a humildade de largar ou diversificar aquilo que foi instituído ou aprendido. Afinal, psicanálise não é química, em que a água será sempre H<sub>2</sub>O.

## Conclusão

Para concluir, e sem a menor intenção de esgotar o assunto, nosso objetivo foi incitar os psicanalistas a não retroceder ante os desafios que o ciberespaço oferece desde o início do século XXI, com um vasto campo a ser descoberto e adaptado perante as práticas psicanalíticas. Torcemos para que nasça o interesse de uma grande produção teórica que objetive fortalecer a psicanálise em face das mudanças e não a inviabilize por motivos políticos ou sintomáticos.

## Referências

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. In. FREUD, Sigmund. *Cultura, sociedade, religião. O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GARRIT, Marcio. **Psicanálise e a modalidade on-line: resistências e possibilidades.** *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.* [s.l.], ano 6, ed. 5, v. 6, p. 51-66. Maio de 2021. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/resistencias-e-possibilidades>. Acesso em: 16 jun. 2021.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura. *Revista Brasileira de Psicanálise.* São Paulo, v. 41, n. 3, p. 69-87, set. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2007000300008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000300008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2021.

GREEN, André. A psicanálise e o pensamento habitual. In: GREEN, André. *A loucura privada.* Psicanálise de casos-limite. São Paulo: Escuta. 2017, p. 45-69

GREEN, André. Introdução ao pensamento clínico. *Jornal de Psicanálise.* São Paulo, v. 51, n. 95, p. 319-334, dez. 2018. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352018000200026&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352018000200026&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 9 jun. 2021.

GREEN, André; URRIBARRI, Fernando. *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo: diálogos.* Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2019.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso,* Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 9 jun. 2021.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual.* 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura.* 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

SIMÕES, Isabella de Araújo Garcia. A sociedade em rede e a cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. *Revista eletrônica Temática,* [s.l.], ano V, n. 5, maio 2009. Disponível em: [https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/52266/mod\\_resource/content/1/Sociedade\\_Cibercultura.pdf](https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/52266/mod_resource/content/1/Sociedade_Cibercultura.pdf). Acesso em: 28 maio 2021.

TANIS, Bernardo. O pensamento clínico e o analista contemporâneo. *Jornal de Psicanálise,* São Paulo, v. 47, n. 87, p. 197-214, dez. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352014000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352014000200012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 9 jun. 2021.

## O homem que se traduzia – escrituras, tradições, atos linguísticos

**Halina Grynberg**

*Psicanalista, e-mail: halinag@uol.com.br*

דנימגיו דירפ	דנימגיו דירפ
	Freud Sigmund
	Sigmund Freud

Às vezes, sinto-me equilibrista, como psicanalista. Agora, me proponho tradutora. E reconheço intimamente um viés de identificação particular: como Freud, minha origem é judaica da Europa Oriental, criada nas mesmas línguas familiares que ele. Minha vida também se passa entre traduções e versões de sentido.

Convido-os a refletir sobre o ato de palavra e o enigma da tradução como solo inspirador para a obra teórico-clínica construída por Freud – a partir da premissa de que o aparelho psíquico é também um aparelho de linguagem e memória. Destacarei um aspecto entre tantos: seu exercício de uma vida inteira como pesquisador e clínico surgindo por entre as línguas em que despontava como sujeito da enunciação – ídiche, hebraico e alemão.

Convém caminhar passo a passo e cuidadosamente. O caminho das relações entre língua e psicanálise queima como as areias de um deserto de passagem. Vou indicar algumas definições para que nos comuniquemos melhor no território da linguística com a psicanálise. Sendo morfologia o estudo da estrutura, formação e da classificação das palavras, ela está agrupada em dez classes denominadas classes de palavras ou classes gramaticais: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Aqui, descrevo a estrutura e, portanto, o sistema necessário para a construção de um discurso, e o lugar das coisas/palavras na frase falada ou escrita com finalidade de comunicar.

O alfabeto hebraico, no qual o ídiche também é escrito, embora falado com sonoridade de dialeto alemão (que complexo sintomático é esta língua de exílio e diáspora!!), tem morfologia e sintaxe peculiares nos verbos e consoantes. Vejam a singularidade nos nomes de Freud desenhada na inscrição acima, quando grafado em ídiche דנימגיו דירפ, a língua íntima e familiar dos judeus da Europa Oriental. Nas letras em busca de alinhamento, precariamente inseridas (ou seria enxeridas), reconheço o ponto de origem para minha reflexão.

Agora, vamos à grafia, especificamente. Entre a classificação dos múltiplos sistemas de escrita, estão os *abjads*,<sup>1</sup> como um tipo especial de silabário, um tipo especial de alfabeto, ou ainda uma categoria independente.

O *abjad* hebraico, também conhecido como Alef-Beit, é utilizado para a escrita em hebraico, língua semítica pertencente à família das línguas afro-asiáticas. Criado por volta do século III a.C., o *abjad* hebraico é utilizado ainda hoje em dia para escrever o iídiche (lembrem-se, língua de sonoridade germânica falada pelos judeus da Europa Oriental e Alemanha na diáspora de dois mil anos, e que continua sendo escrita como um *abjad* hebraico, fluindo da direita para a esquerda). O termo diáspora é usado para fazer referência à dispersão do povo hebreu no mundo antigo, a partir do exílio na Babilônia, no século VI a.C. E, especialmente, depois da destruição de Jerusalém em 70 d.C. Em termos gerais, diáspora pode significar a dispersão de qualquer povo ou etnia pelo mundo.

Por isso, creio, lutei longos minutos para formatar a inscrição acima, em Word ocidental, a partir do *site* <http://www.hebraico.pro.br>, que trazia o nome de Sigmund Freud redigido em hebraico. A programação digital do meu *notebook* Windows para caracteres ocidentais se recusava a acatar que o começo da oração nominal se movesse a partir da direita e não da esquerda, em modo anti-horário. Fora do Cronos ocidental, a sequencialidade da direita para a esquerda mantém-se mais perto da visão da deriva de sentido que provoca o fluxo anti-horário, anticonvencionalidade da tradição ocidental. É como degustar uma canja de galinha, sendo a sopa feita com aquele macarrão em feitio de letrinhas, todas espalhadas. E posteriormente sugadas em processos de fluxos e ritmos subjetivos, o caos resistindo na continuidade na diferença de influxos do tempo.

Reparem que estou construindo uma hipótese nesta apresentação. Pressuponho que, tendo sido o aprendizado familiar da fala e a alfabetização inicial de Freud em língua hebraica e iídiche, ambas maternas, há um espaço interno associativo entre os objetos designados pela língua, numa rede de multideterminações. Pois só depois haveria a sobreposição da língua estrangeira, extrafamiliar. Sendo o alemão falado no vasto Império Austro-Húngaro e carregado de viés antissemitico, Freud recorria ao recalque de toda uma série de representações e signos linguísticos persecutórios para poder inscrever-se na tradição acadêmica e científica.

Como teria se produzido nele este efeito de subjetivação, e a que ponto se marcou na produção das lógicas conceituais da psicanálise atravessadas pelos fantasmas da cultura e mitologia judaica? No brilhante artigo *Metapsicologia/ Fantasia* de Renato Mezan, está feita essa conexão entre pensamento, fantasia e afeto no trabalho teórico sobre a relação entre palavras e coisas e representações entre línguas. O recalque sendo o mecanismo de defesa mais antigo e o mais importante – descrito por Freud desde 1895 – como um processo pelo qual se eliminam da consciência partes da vida afetiva e relacional, inconformados com a realidade externa ou interna, nem por isso deixam de retornar. Assim, desejos, sentimentos, lembranças considerados inconvenientes ou conflitantes com a realidade externa ou interna são eliminados da consciência e mantidos inconscientes, em constante retorno sintomático e fantasmático e *hunheimlich*. Há, portanto, uma

<sup>1</sup> O termo *abjad* é um acrônimo derivado das quatro primeiras letras – Âlif, Bâ, Jîm, Dâl – de uma antiga sequenciação do alfabeto árabe, denominada *ordem abjadi*. Desse sistema fazem parte as escritas aramaica, siríaca, ugarítica, árabe e hebraica. Esse alfabeto é traçado da direita para a esquerda, horizonte oposto ao das línguas latinas que migram da esquerda para a direita. Apesar de ser denominado de “alfabeto”, na verdade a escrita *abjad*, tem uma peculiaridade: cada símbolo representa uma consoante. A representação das vogais é feita através de diacríticos colocados sobre ou sob as letras. Para quase todos os *abjads* conhecidos parece igualmente redundante a denotação de vogais.

linguagem exilada que se dá a ver. Ou seja, um nome/coisa do quase indizível, a não ser por aproximação. O conteúdo aparente não esconde o latente. Trata-se, creio, que o que aparece é apenas um triz do que resta.

Adoro ler teses. Criam atalhos enquanto são sólidos instrumentos de pensar, bem construídos e atuais em seu contexto histórico e acadêmico. Zapeando entre diversos recortes e hiperlinks de teorias de alfabetização, esbarro nos educadores e pensadores atuais do construtivismo de Jean Piaget propondo que a escrita seja entendida como um sistema de representação, ou seja, de língua, e não como código de transcrição de fala. E ainda sustentam que as possíveis indagações das crianças diante da escrita têm a ver com a construção dessa escrita como objeto de conhecimento. E mais, na teoria de Piaget, o acesso ao nível pré-operatório, que surge entre os dezoito meses e os dois anos, é caracterizado pelo aparecimento da função simbólica, considerando-se a constituição da função simbólica como sendo a possibilidade de diferenciar o significante do significado, promovendo o reforço para a interiorização das ações. Ou seja, a função simbólica propicia que a criança represente os objetos ou acontecimentos fora do seu campo de percepção diretamente atual por meio de símbolos ou signos diferenciados que transformam essas coisas/sons/palavras em circuitos de metonímia ou metaforização. A partir dessa diferenciação, o sujeito pode recordar-SE, a si mesmo em reflexão, por meio dos significantes e dos significados afastados no tempo e/ou espaço “[...] e todo o sistema de representação implicará [...] um processo de seleção que determina o que vai ser retido do objeto representado e o que vai ser deixado de lado”.

Outra tese, outro encontro. Criando atalhos tão sólidos como instrumentos de pensar, bem construídos e atuais em seu contexto histórico e acadêmico, encontrei a tese de doutorado de Maria Rita Salzano Moraes.

Temos o seguinte resumo:

*Este trabalho é uma reflexão sobre a possibilidade de se pensar a relação Língua Materna-Língua Estrangeira a partir da constituição do sujeito por linguagem. Isto supõe que se faça uma diferenciação entre sujeito e Eu, o que é possível, quando se toma como base para essa reflexão, a hipótese freudiana do inconsciente. Essa hipótese contempla, na sua formulação, uma concepção diferenciada de memória, em que a inscrição da linguagem é um processo de escrita/leitura dos traços mnêmicos, cujo registro simultâneo em sistemas diversos, não permite sua recuperação imediata. A possibilidade de recuperação dos traços mnêmicos passa pelo necessário caminho da expressão verbal, da leitura, de maneira que, se, de acordo com a hipótese de Freud, a memória é, em grande parte, inconsciente, abre-se um outro lugar de discussão sobre o estatuto da dita Língua Materna: ela não representa, para o sujeito, sua plena segurança, dado que aí não pode dizer tudo. [...]*

Observação minha: daí a vacância produtiva ali onde está inserido o *objeto a* de Lacan, para o processo transferencial no processo de decifração e atualização da memória e seus enlacs libidinais.

*Fica, portanto, suspensa a condição de a Língua Materna ser o veículo da certeza do sujeito. Nessa hipótese está implícita, portanto, uma divisão entre língua e linguagem, sendo a língua o lugar de apresentação da certeza do Eu, mas, simultaneamente, da possibilidade de manifestação da linguagem inconsciente, daquilo que fala no Eu, sem seu consentimento. Como consequência dessa hipótese, acrescenta-se à discussão, o estranhamento na língua como elemento organizador que permite deslocar, na relação Língua Materna /Língua Estrangeira, a questão da alteridade.*

*Língua Estrangeira perde o estatuto de alheia, porque diferente, para ser questionada a partir do estranhamento próprio à Língua Materna. Se a hipótese sobre o inconsciente foi construída porque Freud ouviu falhas, hesitações e esquecimentos como manifestações de um funcionamento desconhecido pelo Eu/Ego, devemos destacar, sobretudo, que Freud não concebe seus “aparelhos” de memória e de linguagem senão enquanto sistemas de escrita.*

Isto não é sem importância para este trabalho, uma vez que é essa concepção de linguagem como sistema de escrita/leitura que nos fornece os elementos para questionar a condição de familiaridade da língua materna e a de estrangeiridade da língua estrangeira em Freud e as consequências disto para seu pensamento conceitual ou suas definições clínicas.

Vejam este fragmento, “O trovão, a mente perfeita”, desenhado sobre um papiro pertencente atualmente a Biblioteca Nag Hammadi, que se estima datado de 325 d.C. e escondido entre outros escritos em jarras de barro, por mais de 1.600 anos. Redescoberto nesta cidade do Alto Egito, em 1945. A Segunda Grande Guerra desenterrou o recalco histórico e deu-o à luz. É um monumento literário do gnosticismo.<sup>2</sup> Este poema é usado como epígrafe por Toni Morrison no livro *Jazz*.



*Eu sou o nome do som/ E o som do nome/. Eu sou o signo da letra/ e a designação da divisão.*

Com base em interpretações heterodoxas e relatos alternativos do Pentateuco, os cinco rolos da Torá hebraica e o Velho Evangelho cristão, os gnósticos fizeram afirmações considerando que o universo material (cosmo) teria sido criado por uma emanção imperfeita de um Deus supremo *demiurgo*. A estes demiurgos cabia a tarefa de aprisionar a centelha divina (espírito) no corpo humano. Esta centelha divina poderia, então, ser liberta através da gnose: que seria um conhecimento *intuitivo* (nem lógico ou dedutivo) sobre o espírito e a natureza da realidade. Demiurgo, portanto, indicaria um artesão designado pelo divino para intervir na natureza humana, como guardião da alma no mundo; e que, sem criar de fato o universo, daria forma a uma matéria desorganizada, imitando as potências eternas, numa tarefa de semblante de saber e poder.

<sup>2</sup> Como gnósticos são definidos os sábios ou estudiosos que constituem um conjunto de correntes filosófico-religiosas sincréticas oriundas da região do Mediterrâneo, durante os séculos I e II d.C. Estes saberes, associados aos cultos dos mistérios greco-romanos pagãos, acabaram tornando-se sinônimo de mistério propriamente dito. O conjunto de reflexões manuscritas em aramaico é alicerçado em interpretações de relatos bíblicos e apócrifos, e costurados por um viés filosófico platônico, ao qual foram acrescidos, ainda, os tais cultos greco-romanos e orientais. Embora mesclado ao judaísmo das escrituras e ao cristianismo primitivo dos primeiros séculos desta era, acabou condenado como um saber herético, após um período de prestígio nas comunidades de origem.

Sem muita dificuldade, podemos considerar o trecho acima uma apresentação metafórica, do processo de cura na clínica.

Desses tantos saberes oprimidos, recalcados e, no entanto, ativos, reencontramos como pista uma espécie de testemunho sobre o ato de transmissão do próprio Freud, ao escrever o prefácio à tradução hebraica de *Totem e tabu* (1930). Pergunta-se, “Mas o que ainda há de judeu em ti...?”, ao que responderia: “Muita coisa ainda, provavelmente o principal”. Mas, parece também que, mesmo naquele momento, compreende que não poderia formular essa característica essencial com palavras claras e, talvez por isso, projete a decifração de sua obra e do desejo feminino ao futuro: “Mais tarde certamente haverá uma ocasião em que ela será acessível à compreensão científica”. Como parte do enigma de saber sobre o desejo feminino, que ele lega como tarefa às mulheres como eu e aos que pensam a psicanálise teoricamente, ousei ensaiar hipóteses neste conjunto de conjecturas e acasos que lhes apresento.

## Referências

MEZAN, R. *Figuras da teoria psicanalítica*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo n. 23, v. 4, p. 57-77, Edusp/Escuta, 1989.

FUNÇÃO SIMBÓLICA. *Infopédia*. [verbete]. Porto: Porto Editora. [consulta 2021-10-23 15:25:54].

Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$funcao-simbolica](https://www.infopedia.pt/$funcao-simbolica). Acesso em: 23 out. 2021.

MORAES, Maria Rita Salzano. *Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua*. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ta/article/view/8639333>. Acesso em: 23 out. 2021.

## Racismo – por uma psicanálise implicada

### **Julia Torres Brandão**

*Psicanalista, membro associado SPID; especialista em Psicologia Clínico-institucional (Hupe/Uerj); pesquisadora do corpo. E-mail: tbrandao.julia@gmail.com*

### **Leandro Santos**

*Psicanalista, membro associado SPID; doutorando do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica - UFRJ; mestre em Teoria Psicanalítica (UFRJ). E-mail: leandrorfs@uol.com.br*

## Introdução

Ignácio Paim Filho inicia seu livro do único lugar possível, a partir de seu lugar de fala: homem negro, imerso no mundo conceitual branco, frequentemente no papel de “negro único” em ascensão social (como preciosamente nos diz Neusa Santos Souza). Não viveu em sua história a marginalização e a vulnerabilidade, mas, sim, o estar à margem do mundo ao qual pertence. Fez dos livros seus companheiros. Na psicanálise, não por acaso, se deteve no estudo da pulsão de morte. Descobre-se negro há apenas dois anos, recuperando parte de sua historicidade depois de uma viagem a Cabo Verde.

A partir do reconhecimento da sua negritude, o autor traz como questão central de seu texto o seu “estranhamento diante do reconhecimento do demoníaco estrangeiro que habita em nós” (p. 11): o racismo. Somos todos racistas. Entretanto, que tipo de racista somos? O que fazemos diante do racismo estrutural presente no país com a maior população negra fora do continente africano? E mais, como as instituições psicanalíticas têm se implicado nesta temática? De forma engajada, pensando e elaborando essas questões com a formação ou, de forma omissa, conivente, protegida pela máxima: é o sujeito do inconsciente que nos interessa? Ou ainda: o sujeito não tem cor?

O povo negro vem há mais de um século chamando a atenção para a experiência do racismo, deixando clara a responsabilidade do povo branco em sua criação e seu desenvolvimento. Poder enfrentar de modo crítico, aberto a refletir sobre o racismo em nós é o modo como poderemos, em nossas sociedades de psicanálise, elaborar e nos deslocar dessa posição mortífera e colonial que atualmente ocupamos. Como nos fala Ignácio Paim Filho, a meta é “desestruturar o que nos estrutura como sujeito e nossa ordem civilizatória: o racismo e o poder tanático da branquitude. [...] o assimilar e o desassimilar das identificações são as rotas a per-

correr” (p. 13). Para tal, ele nos afirma que é necessário antes de tudo nos decolonizarmos, somente assim poderemos constituir o pensamento psicanalítico brasileiro.

## I Inquietações metapsicológicas

Na primeira parte de seu livro, Ignácio Paim Filho nos convida – em coautoria com Rafaela Degani – a uma reflexão profunda sobre as bases históricas, sociais e culturais do racismo na realidade brasileira. Retoma as contribuições de alguns autores que se propuseram a pensar o tema, como Kilomba, Fanon e Mbembe. Em sequência, observamos um esforço em delimitar de forma precisa as ferramentas conceituais da psicanálise que podem ajudar na construção de uma leitura psicanalítica sobre o racismo. Retoma também as teses freudianas sobre o narcisismo, pulsão de morte e destrutividade e apresenta, de forma rigorosa e sofisticada, uma articulação entre a metapsicologia e o fenômeno do racismo. Por fim, é proposta uma reflexão sobre o momento atual – de pandemia –, no qual se observa uma explosão de movimentos antirracistas.

A primeira parte do livro nos coloca diante da análise da ideia de que o racismo não é um problema que atinge o sujeito negro de forma individual. Antes disso, trata-se de um problema estrutural que tem como pressuposto a dominação cultural de uma branquitude. Essa questão levanta uma importante discussão acerca da constituição identificatória do negro no contexto em que imperam as identificações totalizantes do povo branco. Os autores apontam que a questão da escravização do negro deixou uma ferida traumática profunda em nossa formação cultural, especialmente no que concerne à ideia de que os negros escravizados sequer seriam humanos. Trata-se de uma desvalia radical do negro e de suas origens, de modo que, para abordar esse tema de forma crítica, é necessário que se pense seriamente sobre os processos de decolonização do que é posto como verdade de nossa formação. Destacamos, em especial, a necessidade de nos desfazer da ideia de patologização do racismo como um fenômeno individual.

Paim e Degani descrevem com detalhes a articulação fundamental entre racismo e escravidão na cultura brasileira. Lembram que a escravidão durou quase quatro séculos em nossa história e que, segundo a lógica escravista, homens e mulheres foram arrancados de seus territórios, de suas famílias e de suas crenças. Muitos desses homens e mulheres nem mesmo chegaram a pisar no solo brasileiro – morreram na travessia – e aqueles que aqui chegaram encontraram uma realidade dura na qual nenhum direito lhe foi concedido. Seus próprios nomes – que sinalizam a marca histórica maior de sua ancestralidade – foram apagados. Mesmo após o fim do regime de escravidão (durou oficialmente até 1888), o negro não foi integrado na sociedade. A ideia de supremacia branca permaneceu operante e serviu como justificativa às barbáries contra os negros, que se sustentam até hoje. Os autores ressaltam que o Brasil foi um país construído por negros, mas que manteve aceso em si o sonho de ser um país de brancos.

No entanto, como bem sinalizam os autores, os negros não se submeteram passivamente aos horrores da escravidão. Em muitos pontos do território brasileiro, ocorreram levantes e revoltas contra esse sistema perverso que os transformavam em coisas, em não humanos. O mais célebre foi o Quilombo dos Palmares liderado por Zumbi. A contribuição de Lélia Gonzales sobre essa passagem é colocada em relevo pelos autores, na medida em que essa autora aponta que, sob a liderança de Zumbi, Palmares foi um espaço no qual existiu uma efetiva harmonia racial. Citam, na página 19, a espirituosa passagem de Lélia Gonzales na qual ela afirma que “Palmares foi o berço da nacionalidade brasileira”.

Avançando na discussão, é proposta uma reflexão sobre o tema do trauma articulado com o da crueldade. Essa passagem do livro nos mostra as severas dificuldades em que os negros se defrontam no processo de sua constituição subjetiva. Todos nós lidamos com traumas advindos de nossa sexualidade e história infantil. Porém, à realidade negra é adicionada o peso do racismo e de suas consequências traumáticas, obrigando os sujeitos negros a lidar com esse fardo psíquico herdado e encarnado no racismo que atravessa a engrenagem do tempo de modo perverso e violento. A contribuição de Fanon (1952/2020) é de extrema relevância nessa discussão, pois esse autor trabalha com a ideia de que a alienação do negro não é somente uma questão individual: há um problema “sociogênico” envolvido. Ainda vivemos em um mundo em que impera uma narrativa que mantém o continente negro e seus descendentes como representantes das forças demoníacas da humanidade, logo, como algo que está fora do registro humano.

Com isso, Paim e Degani sinalizam que a travessia edípica do negro é atravessada por um elemento singular: o racismo como uma tragédia do destino. O drama edípico negro, desenraizado e exilado da ascendência africana, carrega consigo a força mortífera de uma destrutividade que transcende a intersubjetividade entre pais e filhos. Especialmente por conta de o mito edípico ser construído dentro de um solo de um ideal narcísico de supremacia branca. Nessa conjuntura, o ser branco é o ser de poder, de beleza e de cultura superior. Ao negro, cabe o lugar de rebaixado, de um ser castrado em atos ininterruptamente.

Diante de um horizonte tão perverso e traumático, os autores reafirmam a necessidade de se tomar como ponto fundamental a proposta de Neusa Souza (1983) sobre o “tornar-se negro”. A contribuição – de riqueza inestimável de Neusa Souza – aponta que o povo negro terá que trilhar, em prol da criação de um ideal de eu descolado da submissão aos valores brancos, um caminho que reconstrói, reconhece e valoriza a sua “mitologia”. Com isso, impõe-se uma severa crítica ao eu ideal que é parasitado pela “majestade o bebê” branco, loiro e de olhos azuis. O corpo negro sofre a renegação de sua negritude e de seus vínculos com a ancestralidade. O negro padece de uma dor não sentida, mas vivida nas múltiplas formas de compulsão à repetição, com seus efeitos alienantes. O drama de negros e negras passa por tornar-se sujeito em sua própria pele. É preciso romper com a repetição de ser escravo de um ideal branco, ousando se fazer senhor de sua própria casa.

Seguindo com a reflexão, vamos encontrar uma brilhante articulação do racismo com as noções de pulsão de destruição. Tal discussão é apresentada no cerne de uma encruzilhada em que a pulsão de morte pode se abrir na direção de uma destruição ou de uma criação. Vamos encontrar também uma interessante análise das contribuições freudianas sobre o narcisismo como uma das importantes matrizes para se compreender o que se passa no fenômeno do racismo, especialmente no que se refere ao papel da noção de narcisismo das pequenas diferenças. Freud (1913) descreve que, nessa noção, impera a ideia de que a possibilidade de ligar muitas pessoas pelo amor só é possível na medida em que restem outras para que se exteriorize a agressividade e a destruição.

A parte final do primeiro capítulo contém uma reflexão sobre o tema do racismo no contexto da pandemia de Covid-19. Os autores apontam que foi notória a explosão de movimentos antirracistas no Ocidente. Tal explosão ganhou proporções pandêmicas de forma inédita, tendo nas manifestações que exigiram justiça pela morte de George Floyd um exemplo marcante. Nesse sentido, a própria psicanálise – que vinha se mantendo omissa – rompe com o silêncio e busca ocupar-se das implicações do racismo na constituição do sujeito e da estrutura social. Como podemos criar condições de análise dessa questão tão imperativamente atual? A proposta de Mbembe (2003) sobre *devoir-negro* seria um destino possível para começarmos a elaborar o problema do racismo? É com essa pergunta que Ignácio Paim dirige-se ao segundo capítulo de sua obra.

## II Ordem cultural – entre inquietações e interrogações

Na segunda parte de seu livro, o autor irá mapear a ordem cultural de modo a localizar como o racismo foi sendo implementado e vivenciado estrutural e subjetivamente. Ele inicia fazendo referência ao texto de Totem e Tabu (FREUD, [1913]/1973), no qual Freud nos fala do mito em torno das origens de nossa organização social civilizatória. O marco da instauração da civilização é o assassinato do pai da Horda Selvagem, um pai tirânico, despótico, violento, absoluto. Qualquer filho homem – ameaça ao pátrio poder – era condenado ao exílio. Uma vez morto, é estabelecido que nenhum de seus filhos ocuparia esse lugar de grande poder. Nesse ponto, se dá a renúncia das demandas narcísicas individuais em prol do pacto civilizatório, da coletividade. Aqui podemos entender o pacto que se estabelece com o Estado Democrático de Direito e suas leis, cabíveis a todos.

Faz-se necessária essa remontagem ao pacto civilizatório tendo em vista as atuais ameaças à democracia que vivemos. Essa aproximação da lógica fascista da horda selvagem mostra-se presente quando o Estado, representado pelas suas forças de segurança, representantes da lei, perpetraram assassinatos à população negra, pautados em postulados racistas, como manutenção do poder branco. Nas palavras do autor:

*[...] temos a narrativa que está posta na Horda Selvagem: filhos negros que denunciam sua insubordinação ao pátrio poder do branco – numa recusa de seguirem exilados de seus direitos como cidadãos que lutam pelos próprios desejos – sendo brutalmente assassinados (p. 57).*

Aqui apresenta-se o **racismo à brasileira**. Ele se mostra como inimigo invisível, vista a famigerada democracia racial, tão exaltada em nosso país, mas que nada mais é do que um disfarce mal ajambrado para um racismo sutil, não declarado, que se apresenta no cotidiano. É a partir da nomeação da dor que atos e palavras podem ser direcionados para legitimar direitos e sair do silêncio mortífero e da posição a que foram relegados os negros.

Seguindo a temática do genocídio da população negra, o autor toma como interlocutor principal a carta escrita por Freud a Einstein: Por que a guerra? (FREUD [1932]/1973). Esse texto aborda a relação entre a violência e o direito, afirmando que aquilo que um dia viria a ser um direito instituído primeiro se apresenta como violência bruta, como bem ilustra o assassinato do pai da Horda Primitiva. No entanto, o que Freud nos traz de revelador nesse texto é o fato de que nunca prescindimos da violência como apoio para que o direito continue a ser exercido. Aqui se abre uma melhor compreensão acerca das disputas de poder que constituem nossa organização social.

O que Ignácio Paim Filho traz como proposta é considerar essa violência como apresentação da pulsão de morte, fundida a Eros, uma arma, que provoque incômodo das mais diversas ordens, legitimando o direito do povo negro de viver e desnaturalizando o “direito” racista do Estado de decidir quem vive e quem morre. Aqui ele nos traz imagens vívidas dos diversos assassinatos e infanticídios de negros e negras noticiados pela mídia, ressaltando como a lei é feita por brancos e para brancos: “ordem para os negros, progresso para os brancos” (p. 60). Ele então faz uma convocatória ao mundo psicanalítico e, em especial, às instituições, para que, após a nossa inércia de décadas, nos debrucemos sobre os efeitos psíquicos e biológicos da experiência traumática de se viver sob a ameaça constante de assassinato, tal como se dá com a juventude negra. Os pais de filhos negros vivem assujeitados pelo poder tanático das leis que são feitas para o povo branco,

que, mesmo conhecendo a diferença que se dá entre negros e brancos, vivem a experiência do desmentido perpetrado pelo Estado, representante do poder branco. Como exemplo é citado o caso de duas irmãs de quatro e sete anos que foram mortas com dez tiros. A polícia alega que não disparou nenhum tiro, mas a avó, os vizinhos e a prima alegam ter ouvido os tiros saindo de dentro da viatura. O genocídio é então permitido pela narrativa da bala perdida, partindo regressivamente do direito à violência bruta. Como nos diz Freud ([1932]/1973), esse retrocesso à violência se dá quando os dominantes se colocam acima das leis estabelecidas para todos. E é justamente o racismo interno e externo que estrutura a sociedade brasileira que permite que essas barbaridades ocorram, tendo em vista que é aquele que detém o poder que tem a capacidade de manipular a dialética entre a violência e o direito. Por isso, o autor nos convoca a falar sobre o racismo nas instituições de psicanálise, para que a palavra circule, para que a palavra, em toda a sua magia (FREUD, [1905]/1973), em toda a sua violência simbólica, possa pressionar, desacomodar, gerar movimentos e começar a desmontar as bases do racismo estrutural, fundantes da ordem cultural brasileira.

### III Interrogando as instituições psicanalíticas

Na terceira parte, Ignácio Paim Filho indaga diretamente as instituições psicanalíticas em suas práticas antirracistas. Relembrando os esforços históricos de impedir o acesso de negros e negras à educação, o autor vai mapeando como a estrutura social foi impedindo que o acesso ao conhecimento se desse, eliminando a historicidade do negro brasileiro. A isso, Mbembe (2003) chamará de epistemicídio. Esse fenômeno ocorre quando um tipo único de saber (masculino, branco, eurocentrado) é validado e estimulado, sendo os demais saberes paulatinamente minados, perdendo seu espaço de criação e desenvolvimento. O objetivo final é o acultramento dos saberes, tradições e historicidade do povo negro, fragilizando os saberes afrocentrados, tornando o saber europeu (branco) o único a se aspirar e legitimar. Com a instauração, em 2003, das Cotas Raciais e Ações Afirmativas, abriu-se maior espaço para o ingresso de pessoas negras nas universidades do país, trazendo à tona a questão da reparação histórica a esses povos. Em 2019, pela primeira vez, segundo pesquisa do IBGE,<sup>1</sup> mais de 50% dos alunos matriculados em universidades são negros e pardos, aproximando-se da realidade brasileira, em que 56% da população é composta por negros e pardos. Vale ressaltar que, não à toa, quase vinte anos após a instauração das ações afirmativas, vemos surgir diversas obras e pesquisas feitas por teóricos negros discutindo decolonialidade, questões étnico-raciais, bem como suas implicações no psiquismo dos sujeitos diante da experiência do racismo.

Nesse contexto, Ignácio Paim Filho é cirúrgico ao perguntar se podemos falar desse avanço da presença de negros e negras em nossas instituições de psicanálise. O que viemos fazendo para ampliar e facilitar o acesso de negros e negras em nossas instituições? Por que até hoje não estranhamos a presença do “negro e negra únicos”, exceção que confirma a regra do racismo estrutural? Somos convocados, portanto, a olhar para como mantemos o pensamento colonial dentro de nós e de nossas instituições. É preciso que estudemos mais autores brasileiros e autores negros e negras, construindo a nossa experiência brasileira de psicanálise.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Dados retirados de reportagem do G1 e *El País* acessados no dia 10 set. 2021.

G1: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/11/13/pela-1a-vez-pretos-e-pardos-sao-mais-da-metade-dos-universitarios-da-rede-publica-diz-ibge.ghtml>

El país: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/politica/1573643039\\_261472.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/politica/1573643039_261472.html)

<sup>2</sup> Como sugestões, são citados: “O discurso inaugural sobre a psicanálise” (Juliano Moreira, 1899); “Estudo de atitudes raciais de negros e mulatos em São Paulo” (Virginia Bicudo, 1945); “Tornar-se negro” (Neuza Santos, 1983); “Por um feminismo afro-latino-americano” (Lélia Gonzales, 2020); “Pactos narcísicos no racismo” (Maria Aparecida Bento, 2002); “Cor e inconsciente” (Isildinha B. Nogueira, 2017).

Uma pergunta se impõe: qual seria a psicanálise brasileira? Quem são os analistas brasileiros que aqui se formam? Quais condições tácitas são necessárias para se tornar um(a) analista no Brasil? Uma pista se faz evidente: os psicanalistas em nossas instituições de psicanálise têm cor e classe social.

*A psicanálise e os psicanalistas têm uma dívida histórica com o povo negro e com as singularidades do pensamento psicanalítico brasileiro. Dívidas pelas quais temos que nos responsabilizar e buscar formas de minimizar seus efeitos. Nosso racismo institucional e individual, presente na composição estrutural de nossos institutos, precisa instrumentalizar medidas antirracistas. [...] é chegado o momento de reequacionar o tripé da formação, contemplando os aspectos econômicos, políticos e subjetivos da branquitude (p. 70).*

A branquitude e seus valores agregados (racionalidade, inteligência, beleza e sucesso profissional e econômico) constituem o ideal almejado (NEUZA SOUZA, 1983), excluindo os negros e negras da possibilidade de alcançá-los, deixando-os à margem, num local de exclusão dos bens, sejam os capitais culturais, de saber, ou mesmo econômicos. Aos negros caberia o lugar do outro, de tudo aquilo que a branquitude quer se afastar fingindo não ver, tudo que é da ordem do horror, do repulsivo. Fanon ([1952]/2020) entenderá esse fenômeno como a invenção da *Weltanschauung* negra, a incorporação pelo negro dessa atmosfera de desvalia, de horror a tudo que remete à negritude.

Cabe a nós brancos nos reposicionarmos diante desta realidade do racismo buscando sair desse silenciamento mortífero em que nos encontramos (pacto narcísico da branquitude), embasados pelo mito da democracia racial, verdadeira alucinação negativa coletiva, como bem coloca o autor. As consequências da crença na democracia racial é a experiência do desmentido, aquilo que foi vivido, mas não pode ser falado, somente negado, mantido pelo véu da cordialidade racista, é vivido como trauma sem espaço de elaboração. Como explica Ignácio Paim Filho, é “esse circuito tanático – falência da capacidade de escuta, de uma psicanálise não implicada – [que] vai dar fundamentação teórico-clínica para fazer do racismo uma mera questão psicopatológica, pelo viés de quem sofre, e raramente de quem o executa” (p. 75). É importante sairmos deste olhar que vê o racismo como um problema singular, que se refere a questões paranoides e ambivalentes dos negros e negras a respeito de si mesmos. Cair nessa visão é nos colocar defensivamente diante do trauma social que se apresenta em cada sujeito negro, nos agarrando em nossas identificações narcísicas, atrelando a psicanálise a essa aliança narcísica da branquitude.

Como saída deste lugar narcísico alienante do negro, Ignácio Paim Filho propõe que, na formação de analistas, esteja presente o *letramento racial crítico*,<sup>3</sup> isto é, trazer o branco para o centro das questões raciais, racializá-lo. Uma das grandes questões do racismo, como já apontada anteriormente, é a falácia da universalidade da brancura, quem teria raça é o negro, é ele que tem a raça como traço característico e marcante em sua presença no mundo, não o branco. Portanto, é fundamental perguntar: Branco, qual a sua raça? Branco, qual a sua responsabilidade diante do racismo do qual o seu analisando negro ou negra se queixa?

Para responder a essas questões, se faz necessário ser atravessado pela experiência do letramento racial. Foram elencados cinco pontos que vão sendo percorridos ao longo do processo de racialização: 1) Reconhe-

<sup>3</sup> *Racial literacy* – Termo originalmente cunhado por France Winddance Twine (2006) que visa uma reeducação individual sob a ótica antirracista. No Brasil, este termo foi livremente traduzido por Schucman (2012) abarcando de forma mais ampla o processo de aquisição do conhecimento antirracista e, neste caso particular do texto, a partir da racialização dos brancos na sociedade brasileira.

cer-se racializado, isto é, fazendo parte de um mundo organizado por raças e cores, entendendo o seu lugar como branco e as benesses que a branquitude proporciona numa sociedade racista; 2) Reconhecer o racismo como um problema atual, com uma história secular que afeta a vida cotidiana do povo negro; 3) As teses raciais podem e devem ser aprendidas e debatidas em casa, na escola, na universidade e nas instituições psicanalíticas; 4) É necessário conhecer e se apropriar de uma gramática e vocabulário raciais. Sabemos que a linguagem diz de nosso lugar de sujeitos no mundo, em termos coletivos. A linguagem estabelece as relações sociais entre os sujeitos e carrega em si os preceitos racistas, coloniais e patriarcais. É preciso uma abertura de vocabulário para esse saber negro, decolonial, de modo que a própria psicanálise e sua metapsicologia possam se expandir; 5) Desenvolver a habilidade de revelar práticas racistas quando observadas.

Poder percorrer esses pontos nos permite ir alcançando a chamada **branquitude crítica**, que porta em si diversos conflitos, mas que se faz necessário buscar, em prol do futuro de nossas instituições psicanalíticas. De modo a empreender ações afirmativas e reparatórias em nossas instituições, devemos buscar três frentes: uma primeira **educacional**, já mencionada, com o estudo de teóricos negros, em especial, brasileiros, que terão reverberações subjetivas individuais e no nosso fazer clínico; a segunda **política**, que visa diretrizes claras e precisas acerca das propostas e ações perante a população negra e branca (como a orientação clara no edital para ingresso na formação psicanalítica com cotas para negros); e **econômica**, criando meios financeiros para que o tripé da formação (supervisão, análise e estudo teórico-clínico) possa ser sustentado, não como uma concessão, mas como direito considerando-se a história de exclusão da negritude na psicanálise. Seria esta uma postura ética, não só de reparação, uma vez que foi o branco quem inventou o negro (FANON, [1952]/2020), mas também um modo de reapropriarmos nosso fazer psicanalítico 'à brasileira', construído a partir das nossas especificidades e do nosso pensar clínico. É hora de decolonizar não só a psicanálise, mas a nós mesmos.

## Referências

- PAIM FILHO, I. A. Racismo: por uma psicanálise implicada. Porto Alegre: Arte & Secos, 2021.
- FANON, F. *Peles negras, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, [1952]-2020.
- FREUD, S. Tratamento psíquico. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. VII. Imago: Rio de Janeiro, [1905]1973.
- FREUD, S. Totem e tabu. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIII. Imago: Rio de Janeiro, [1913]-1973.
- FREUD, S. Por que a guerra? In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXII. Imago: Rio de Janeiro, [1932]-1973.
- MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SCHUCMAN, L. V. *Entre o encardido e o branco e branquíssimo – branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. 2 ed. São Paulo: Veneta, 2020.
- SOUZA, N. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão*. Rio de Janeiro: Lebooks, 1983.

## A radicalização do presente pelo processo de repetição no filme *O Feitiço do Tempo*, de Harold Ramis (1993)

**Janaina Pires Garcia**

Psicanalista, membro associado da SPID, mestre e doutora em Educação (UFRJ),  
e-mail: [janainapgarcia@gmail.com](mailto:janainapgarcia@gmail.com)

O filme narra a história do jornalista/meteorologista Phil (interpretado por Bill Murray) que trabalha para um canal de televisão. Todos os anos Phil é designado para cobrir a passagem das estações numa cidade pequena dos Estados Unidos, onde é comemorado o “dia da marmota”, pois, segundo a crença local, é esse animal que traz as notícias de quando a primavera vai chegar. O grande problema é que Phil odeia fazer essa reportagem anualmente e, para sua surpresa, ele se vê preso nesse dia que se repete incessantemente.

O interessante a ser pensado aqui em termos psicanalíticos é justamente essa radicalização do presente, o aqui e agora. E isso tudo ocorre por meio do processo de repetição. A conexão com o texto de Freud *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914) é quase inevitável.

Por mais que o personagem principal da trama esteja preso no mesmo dia, a repetição que começa a se dar vai mudando à medida que ele próprio passa a ter contato com questões primordiais da sua própria pessoa. Isso nos remete à situação do manejo da clínica psicanalítica e da transferência, pois, de acordo com Freud (2018), o tratamento do analisando começa a partir de uma repetição (*acting out*), isto é, daquilo que o paciente fala, da repetição de sua história, que se reativa na relação com o analista. Por vezes, essa repetição é tão dramática para o analisando que, quando ele se confronta com algo que não suporta, larga o tratamento. Podemos deduzir que um dos trabalhos mais difíceis em análise é justamente passar dessa repetição na transferência para um processo de elaboração.

No filme, é possível perceber a evolução desse processo de repetição, quando Phil promove algumas mudanças em si, quando algo novo começa a se construir dentro dele e uma nova configuração de sentido é inaugurada para a sua própria vida.

Outra questão muito interessante abordada no filme e que tem uma conexão direta com o texto freudiano é com relação ao tempo. Pensar a análise como um eterno presente, como um outro tempo que é estabelecido entre analista e analisando a cada sessão de análise, traz a ideia de uma outra temporalidade, que não é cronológica.

Aristóteles (2011), ao utilizar o conceito de *mythôs*, promove uma reflexão de uma possibilidade não de definir o tempo, mas de lhe conferir uma estrutura de sentido que o torne apreensível.

Na mesma linha de raciocínio, o filósofo francês Paul Ricoeur (2012) resgata os ensinamentos de Aristóteles sobre o tempo, ampliando-os, no sentido de que o ato de narrar alguma coisa/evento cria uma estrutura singular e essa estrutura cria um tempo próprio, uma descronologização, o que este autor vai chamar de *tempo-percepção*.

Na sessão de análise, nos deparamos justamente com essa situação quando o analisando narra algo que aconteceu e essa narrativa vai formando uma estrutura própria, dotada de um sentido. Existe uma humanização do tempo e não mais uma cronologização entre passado e futuro, pois tudo se torna presente.

Aproximando as questões levantadas pelo filme através de um viés psicanalítico e filosófico, podemos refletir que o ato da repetição nunca acontece da mesma maneira, não é um retorno ao passado, mas, sim, uma radicalização do presente. Repetir é recordar a partir do presente (ir para um tempo ancestral que é revivido pelo analisando na relação de transferência com o analista), atravessando o passado na tentativa de elaboração de um futuro, criando novos significados e novos sentidos.

## Referências

- ARISTÓTELES. *A retórica*. São Paulo: Edipro, 2011.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Porto Alegre: L&PM pocket, 2018.
- FREUD, Sigmund. Lembrar, repetir e perlaborar. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. São Paulo: Autêntica, 2019.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. v.1. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

## Resenhando para re-existir

### **Ninfa Parreiras**

*Psicanalista; membro titular SPID; mestre em literatura comparada (USP); escritora e professora de Criação Literária. E-mail: ninfaparreiras@gmail.com*

**D**esde 2020, a pandemia de COVID 19 tem deixado cicatrizes abertas nas pessoas, nas instituições, nos projetos pessoais e profissionais. Com o afastamento social, completo ou parcial, as leituras podem nos aproximar dos nossos pares. A escrita e as experiências teóricas e clínicas na área da psicanálise são bem-vindas. Ao ler, me sinto perto das pessoas, me sinto parte de um mundo de afetos, de relações e de construções. A leitura nos humaniza e nos brinda com surpresas.

Nada como um bom livro de ensaios para desacelerar o ritmo veloz da rotina virtual. Não somente folhear páginas de virtualidade, mas as de papel e de tinta. Sublinhar linhas, fazer anotações nos cantos dos parágrafos, ir e voltar em capítulos, espiar a bibliografia, dormir querendo acordar para ler mais um pouco, ter a companhia de um livro ao lado. A nossa relação com o mergulho do ler é pessoalizada. E o encontro com o outro fica mais corporificado: o texto, o pensar, o psiquismo. Na ausência física, estamos sedentos de contatos, de trocas.

O manuseio e a leitura de um livro impresso trazem sensações sensoriais indizíveis: o cheiro do papel, o ruído do passar as folhas, a textura da impressão gráfica, a cor da capa, o arregañar das pontas, as imagens esboçadas pelo texto, o volume ora pesado ora leve de absortos momentos... Pequenas garantias que ficaram no afastamento social. Viver entre paredes, sem olhar e tocar os outros como antes requer a reinvenção de si, a resignificação da vida e a recriação da fantasia que veste os dias e as noites.

É confortável acompanhar percursos de colegas analistas com argumentações teóricas e históricas que nos ajudam a repensar a nossa prática. Publicar livros durante a pandemia é um modo de resistir, de re-existir e de falar do 'não lugar'. De alimentar leitores ávidos por (boas) notícias. Precisamos renascer e existir mais e mais com as leituras. Dar voz e corpo aos sonhos e dar pontos no grande tecido que é a vida.

Tomar o livro nas mãos e se apropriar de seu sumário, de sua bibliografia. Percorrer capítulos, destacar citações. Um porto aberto para ancorar novos olhares e escutas. Um lugar que dá nome, questiona e tece pontos sobre a criação de si e as práticas de liberdade.

## O indizível em psicanálise: trauma e regressão terapêutica em uma perspectiva relacional<sup>1</sup>

Resultado da tese de doutorado defendida na PUC-Rio em 2016, esta obra da psicanalista Solange Serrano Fuchs, ex-integrante da SPID, membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi, dialoga com diferentes pensadores e autores da psicanálise, ao longo dos tempos. Em especial, as suas referências são a obra de S. Freud, S. Ferenczi, D. Winnicott, M. Balint, A. Green e M. Khan.

Como conceber trauma e regressão, dois conceitos tão discutidos e polêmicos? O que eles têm a nos dizer na clínica contemporânea? Como acolher os pacientes que buscam atendimentos frente a tantas opções de psicoterapias? Como lidar com sessões de silêncio e com o indizível? Essas e outras questões chegam com a leitura deste precioso livro.

Em seis capítulos, a autora parte da concepção de trauma na teoria freudiana, com as idas e as vindas do mestre da psicanálise e seus diferentes modelos. Logo no primeiro capítulo, destaque para o deslocamento do modelo de trauma para o de pulsão, costura que foi sendo feita ao longo de décadas da prática clínica de Freud.

A seguir, a perspectiva ferencziana mostra o ambiente como ponto-chave para a estruturação ou a desestruturação psíquica. Nas entrelinhas e nas referências, percebemos o quanto é importante escutar e acolher, na clínica, a repetição, a atuação, o silêncio e outras expressões não verbais de comunicação. E o que fazer com tudo isso? Não há respostas, mas há campos teóricos que nos abrem trilhas.

Se coube a Winnicott nos apresentar a relação inaugural mãe-bebê e suas lacunas no psiquismo das crianças, Balint desenvolveu os conceitos de amor primário e de falha básica. A confiabilidade do analista, o brincar, a espontaneidade e outros relevantes aportes psicanalíticos são trabalhados com exemplos e citações.

Solange nos apresenta o leque de pensadores que alargaram a proposta trazida por Ferenczi, caracterizados como autores da Teoria das Relações Objetais Precoces (a exemplo de Green e Khan), com uma clínica que investe na qualidade da relação e na potência do encontro analista-analisando.

Um capítulo sobre a regressão e diferentes enfoques nos mostra a qualidade do material bibliográfico trabalhado pela autora, com percursos históricos, teóricos e clínicos dos pensadores escolhidos. O modelo relacional, com o setting como um espaço que permite a regressão terapêutica, aponta para a necessidade de cuidado, de sustentação e de acolhimento da dor e da angústia do outro. É no encontro intersubjetivo de corpo e de afeto que gestos e expressões faciais podem ativar a memória corporal e se constituem como páginas para se ler o psiquismo. Muito além da palavra, o hálito, o pausar os olhos, o mover as sobrancelhas falam muito dos afetos engasgados.

A importância da empatia analítica para o campo transferencial e a capacidade de simbolização para elaborar e ressignificar a vida são caminhos apontados nos capítulos finais. A sintonia afetiva com os analisandos pode nos aproximar de sutilezas que escapam à fala e chegam por meio de sinais não verbais, no corpo, no ambiente.

O indizível pode ser nomeado se o território dos afetos for escutado e se entendermos que a comunicação está para além do verbal, do dito em palavras. As referências bibliográficas e um índice remissivo completam essa reflexiva e dialógica obra.

*[...] é fundamental o analista se manter em sintonia afetiva com seu paciente, e isso significa estar nessa travessia em estado de regressão também, pois somente assim poderá acolher os estados emocionais, a dimensão sutil, o que escapa do campo representacional. Dessa forma, o recurso das interpretações mostra-se inadequado. O que sustenta o processo analítico como demonstraram os autores aqui trabalhados é a qualidade da relação que resulta de um espaço psíquico-corporal, sensorial e afetivo criado pela dupla analítica em que transitam sentidos não dizíveis que podem ser acolhidos e elaborados. Portanto, a análise é espaço de transformação de ambos, analista e analisando (FUCHS, 2021, p. 212-213).*

## A identificação nos estados-limites: um estudo psicanalítico<sup>2</sup>

Fruto de sua dissertação de mestrado na UFRJ, a obra de Leandro Rafael Ferreira dos Santos, psicanalista da SPID, membro das Comissões de Clínica e de Divulgação e Publicação da SPID, nos coloca diante de um dilema bem contemporâneo: como lidar, na clínica, com os estados-limites? Como ser analista e acolher os sintomas com os quais, muitas vezes, não sabemos o que fazer? A dúvida nos habita e, muitas vezes, os sintomas nos cegam e nos paralisam.

Em três capítulos, o estudo nos conduz à história e à conceituação dessas organizações-limites, conhecidas como “estados fronteiriços da loucura”, a saber, formas subclínicas das psicoses já identificadas no fim do século XIX. A patologia do transtorno *borderline*, a falta de interioridade, a angústia da perda do objeto, as particularidades do conflito edípico e o masoquismo são algumas das questões desenvolvidas.

Equivoca-se quem acredita, pelo título da obra, ***A identificação nos estados-limites: um estudo psicanalítico***, que o autor escolheu trabalhar unicamente com a orientação teórica da escola francesa em detrimento da inglesa, que costuma usar a expressão *borderline*. Ele nos leva a um estudo histórico e teórico-clínico dessas organizações, com deslocamentos por épocas, espaços, estudiosos, teorias e modos de conceituar e de conceber.

Nos capítulos 1 e 2, acompanhamos a pesquisa histórica de obras de S. Freud e de S. Ferenczi. Aqui, o trauma, a relação objetal e a identificação narcísica são alguns dos aspectos apresentados. A noção do duplo aparece no capítulo 2, associada ao problema da interiorização. Para isso, Leandro recorre ao ensaio “O estranho” de Freud e à relação de tipo narcísico com o objeto. O sujeito pode se identificar com o objeto a ponto de ter dúvida sobre si – seu eu. Ou vai substituir o eu por um estranho.

Já no capítulo 3, é Melanie Klein quem conduz o astuto olhar do pesquisador. A identificação projetiva, o desamparo e a passividade psíquica são algumas das questões aprofundadas na pesquisa.

Ao trabalhar nas diferenças, o autor optou por uma singularidade na sua pesquisa. Ele olha e dá voz ao outro, ao lidar com limites da metapsicologia e da psicopatologia. Acompanhamos, com Leandro, como é

impossível pensar em identificação sem o outro. Isso está alinhado com a proposta de uma clínica que dialoga e escuta o/a analisando/a.

Certamente, os estudantes de graduação de psicologia e profissionais do universo da psicanálise e da psicologia poderão se beneficiar com essa obra que atualiza conceitos e nos coloca diante de questões cruciais para a nossa atuação.

Esse ensaio, um estudo acadêmico, seguramente, trouxe uma prática de si e uma liberdade em inventariar e ressignificar teorias e olhos de ver o diferente. Ao fazer uma travessia conceitual rigorosa e ao mesmo tempo transbordante de indagações sobre a prática clínica atual, a obra nos atualiza e nos brinda com bons encontros, boas escolhas teóricas e com a proposta de uma ética da existência. Não existimos sem o outro. Nem há respostas para tudo.

*Nos estados-limites, a convocação do corpo e do ato me permite visualizar uma dimensão singular da passividade egoica. O ego limite não sustenta a passividade absoluta diante do outro. Há uma resposta na direção da atividade que pretende dar conta e contornar a passividade pulsional à qual o ego se vê submetido. O ego, nesse sentido, apresentaria uma faceta mais “resistente” diante do pulsional, realizando, mesmo que de maneira precária, um trabalho ativo de metabolização egoica (SANTOS, 2021, p. 119).*

## O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas<sup>3</sup>

Pensar a pandemia numa perspectiva multifacetária pode nos ajudar a entender a crise que vivemos no mundo e no Brasil. Há jogos de interesses de governos, há desrespeito à população, há desinformação e há um desmonte cultural, social e econômico em diferentes dimensões no nosso país. Joel Birman, psicanalista, membro de honra do Espace Analytique, professor titular da UFRJ, professor aposentado no Instituto de Medicina Social da UERJ, tem participado de inúmeras lives e palestras virtuais que discutem os tempos pandêmicos. Ele traz, aqui, como um pão saído do forno, um livro que discute e nos atualiza sobre a pandemia e os impactos na nossa vida cotidiana.

É um alento ter em mãos e ler esse conjunto de ensaios. Ficamos com a sensação de que parte das falas virtuais podem ser passadas pelas páginas do livro. Um modo de dar corpo (presencial) à imagem da tela.

Os lutos consecutivos e a falta de tempo e da presença física para elaborar tamanhas perdas. O país imerso em um abandono sem fim. A indiferença e o descaso reinante nas ruas. As contradições e duplas mensagens do (des)governo. A falta de perspectivas. Há um largo campo para *ser examinado, para além do campo psicanalítico remetido aos conceitos de inconsciente e de pulsão*. Como sair da poltrona e do conforto dos nossos consultórios e escutar o mundo que desaba ao redor?

Uma das grandezas dessa obra é a interlocução da psicanálise com áreas tão ‘diferentes’, mas necessárias de serem discutidas e consideradas no seu conjunto: biológica, médica, política, social, econômica, ecológica, cultural. Qual o envolvimento da psicanálise com cada uma delas? E talvez, a questão mais importante: o que pode um/a psicanalista? Até onde conseguimos interpretar? Como linkar e elaborar problemas tão díspares e tão alienantes? E como trabalhar com o trauma (psíquico e social) numa perspectiva reparadora?

Ao tratar da indiferença que reina o desgoverno que vivemos, o autor trabalha na diferença. Todo o cabedal de seus questionamentos nos coloca diante de uma ética do escutar e do pensar a vida em todas as suas dimensões. Ele traça considerações históricas, sociais e culturais para discutir inclusive a evolução da pandemia, as concepções errôneas de COVID 19, os paradoxos e as ambiguidades do sistema político-social e sua repercussão no psiquismo.

Importante acompanhar, com o autor, como outras pandemias, epidemias e pestes que assolaram a humanidade podem ser revisitadas numa perspectiva histórica. É necessário refletir pela conjunção existente entre *catástrofe* e *trauma*, apontada por ele como problemática que esteve de forma intensa e conjugada nas diversas experiências sociais. A morte e o frágil limite da vida estiveram e estão à frente do terror gerado pela crise sanitária.

E não podemos olhar isoladamente para nenhuma das dimensões da grande crise. Como um dominó, os problemas ambientais, sociais, sanitários e econômicos desabam na nossa cabeça e parece que o céu está caindo.

O que seria o estabelecimento de um ‘novo normal’ nos modos de existência social? Birman critica o antigo normal que já não funcionaria por excluir e discriminar a diversidade de gêneros, de raças, de etnias etc. E pelos corrompidos modelos políticos e econômicos vigentes.

Ele recorre a S Freud e a J Lacan para sublinhar a leitura psicanalítica numa proposta multidisciplinar. Consistiria em uma relação topológica de borda com os territórios clínicos da psiquiatria, da psicologia, da saúde mental, da medicina, das ciências sociais e das ciências humanas. Com isso, o autor faz críticas ao discurso psicanalítico que tenta se apresentar isolado, numa ortodoxia marcada pela ritualização. Defende uma psicanálise viva, com viço, que interage na interdisciplinaridade e age nas bordas.

*Sempre que o discurso psicanalítico se representou e se exerceu como autônomo e descolado de sua existência real – nas bordas de outras discursividades e práticas sociais –, ao longo de sua história centenária, tornou-se não apenas estéril conceitual e clinicamente como também rígido. Transformou-se numa ortodoxia marcada pela ritualização (religiosa e obsessivo-compulsiva) de seus procedimentos (técnico, clínico e conceitual), perdendo a inventividade, o seu brilho e até mesmo o seu viço (BIRMAN, 2021, p. 157).*

## Referências

- FUCHS, Solange S. *O indizível em psicanálise, trauma e regressão terapêutica em uma perspectiva relacional*. Curitiba: Appris, 2021. 239 p.
- SANTOS, Leandro Rafael Ferreira dos. *A identificação nos estados-limites: um estudo psicanalítico*. Curitiba: Appris, 2021. 127 p.
- BIRMAN, Joel. *O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 168 p.

## O “não lugar” na clínica

**Angela Coutinho**

*Psicanalista, membro titular da SPID, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, e-mail: [coutinhoangela@gmail.com](mailto:coutinhoangela@gmail.com)*

O “não lugar”, tema deste número da revista *Ensaio*, aparece como metáfora do caos político, econômico, sanitário e ambiental em que vivemos. Entre as perdas e danos que a atual pandemia gerou em todos os âmbitos, algo se evidenciou para a psicanálise: o que parecia estabilizado e bem constituído foi posto em xeque, passou a ser problematizado. As mudanças se tornaram indispensáveis e ainda não houve tempo hábil para aquilatarmos o alcance teórico-clínico dessa verdadeira revolução. Ou seria uma revelação?

Nesses tempos de pandemia, quando se impôs o funcionamento remoto da clínica, alguns alicerces da psicanálise ficaram desmontados e desmascarados enquanto falácias. As crenças foram sacudidas; antigos paradigmas, quebrados. O ritual psicanalítico, seu enquadramento – referido às invariantes sem as quais não haveria análise – sofreu uma torção irreversível. O que se supunha estruturante da cena analítica se evidenciou como equívoco: a neutralidade, o pagamento em dinheiro, o uso do divã, o analista na sombra, entre outros dados do contrato.

Na atual conjuntura, o pagamento não é feito em dinheiro e a neutralidade do analista é relativizada, desde o ajuste tecnológico no embarço entre os dois parceiros: “Caiu a conexão”; “não estou te vendo”; e, às vezes, “nem te escutando”; até os comentários sobre o ambiente e/ou imagem de cada um: “Você está fora do Rio? Por aí deve estar muito frio, pelo jeito que você está vestida. Hoje você está bonita, abatida ou cansada”; “Hoje nem consegui tirar o pijama”; “Estou produzida hoje porque acabei de gravar um vídeo”, entre outras observações corriqueiras, sem que isso constitua um impeditivo para a análise ocorrer. A escolha, pelo analisando, do local em que será atendido traz uma liberdade para usar o espaço como bem lhe aprouver, o que por si só já é material de análise. Muitas vezes, fica praticamente uma assistência domiciliar, o analista no ambiente familiar ao analisando, o que lhe faz se sentir “em casa”. Há também situações inusitadas, como é o caso de um analisando que está sendo atendido no carro, durante sua viagem de trailer pelos Estados Unidos, que vai durar um ano; o que requer um jogo de cintura para garantir sua privacidade, claro! Um certo “quebra-gelo” nessas trocas iniciais tem criado uma atmosfera amistosa e até mesmo favorece um mergulho mais fundo na intimidade de cada um. Para um grupo de analistas, contudo, essa proximidade pode atrapalhar o “de que se trata numa análise”. E, numa tentativa de valorizar a psicanálise como “talking cure”, preferem usar o áudio, em que se evidencia apenas a linguagem, e o par analista-analisando na sombra, invisível. Como se fosse uma maneira de preservar a “essência” da análise. O que para nós é questionável.

Nos atendimentos virtuais, com a inclusão do vídeo, o analisando escolhe seu próprio jeito de se posicionar diante do analista e vice-versa. Seja de frente, de costas, de lado, seja até mesmo num confronto olho no olho, que, no mundo virtual, sabemos ser ilusório. E o analista não “corrige” nem o direciona para a posição “própria” (alusão ao divã), ao contrário, “escuta com os olhos”, a maneira como o dispositivo analítico vai sendo construído. O que constatamos é que cada analista decide como se sente confortável para fazer a análise acontecer, estabelecendo um limite para sua capacidade de escuta.

A partir do exposto acima, fica uma questão para nós: qual é o lugar do analista, o que resta de sua especificidade? Ao mesmo tempo que antigas convicções se evidenciaram como falsas, algo foi se sedimentando como condição indispensável para haver análise: o “não lugar” do analista como invariante. Foi revelado o que sempre esteve presente, embora velado.

Não há um lugar específico para o analista exercer o seu ofício. Trata-se de um “não lugar” que agencia o lugar do analisando. Essa presença-ausente propicia um tempo e espaço, através dos quais o analisando conquista um lugar de fala, emergindo como sujeito autor de sua existência, em sua relação problemática consigo mesmo. O analista escuta e acolhe a singularidade de cada analisando.

Associação livre e atenção flutuante como regras fundamentais para ambos os parceiros. A associação livre vai na contramão do que foi aprendido: “Diga ou pense o que vier à cabeça, por mais absurdo que seja, por mais que não pareça importante”. A associação é livre de um encadeamento verbal, racional, mas é determinada pela lógica inconsciente. Ou seja, é livre, mas não é. Tanto para o analista quanto para o analisando.

O par analista-analisando associa livremente. E a atenção flutuante não é prerrogativa apenas do analista. O fundamental é que cada um se entregue, mergulhe numa flutuação de pensamentos para que o universo inconsciente possa despontar, embora velado. A intervenção do analista é igualmente flutuante.

“Ouvidos pra não ouvir”, já dizia o psicanalista Serge Leclair, o que é uma afirmação paradoxal. Aqui algumas ideias contraditórias compõem: há que “não se ouvir”, isto é, colocar-se à margem, deixando em “reserva de uso” suas referências teóricas e mesmo existenciais, seus valores, sua realidade psíquica. Só assim o analista consegue se abrir como uma caixa de ressonância para escutar seu analisando como alteridade.

Nestas palavras de Leclair – “ouvidos pra não ouvir” – está ainda a advertência para o analista não ficar com a atenção focada estritamente no relato do analisando; deve ser capaz de uma atenção difusa e periférica, captando a atmosfera, a entonação, as entrelinhas do discurso e a linguagem corporal, de onde pode advir um “achado”. Picasso dizia, “eu não procuro, eu acho”! Do mesmo modo, o analista não busca como um detetive o que está por trás das palavras. Ele flutua na superfície das palavras e dos gestos, escutando com os olhos, com o corpo. Daí pode ser surpreendido e fisgado por um “achado”. Um “achado” que pontua os sentidos congelados que começam a ser desconstruídos justamente ao serem identificados.

Assim, é partindo da regra fundamental da associação livre e atenção flutuante que a intervenção do analista se torna possível. Ele evoca e equivoca os sentidos presentes na realidade psíquica, os padrões com que o analisando se relaciona com o mundo.

O analista não induz, não dirige a vida do analisando, mas o auxilia a dirigir a própria vida, a fazer escolhas menos aprisionadas aos seus fantasmas, a escolher alternativas facultativas. O analisando revisita o que

construiu ao longo da sua história e o assujeitamento que rege sua vida vai sendo problematizado. Passa a se perceber autor de suas escolhas e também de sua submissão ao outro.

A psicanálise faz uma investigação genealógica acerca das múltiplas restrições a que nos submetemos ao longo da vida. Essa afirmação pode levar a crer que a psicanálise só lida com o passado. É verdade. Só que é com o passado que está presente. O passado que advém numa análise está encravado no presente, impedindo que se torne passado, de fato. A origem da investigação psicanalítica é o presente. A partir de um sofrimento psíquico, tem início a investigação. Um sintoma condensa em si um percurso, uma construção que foi feita ao longo da história, que foi configurando a realidade psíquica de cada um. A partir das associações no presente, o passado é revisitado. O passado presente é descortinado. Desvelado. E descobrimos que o que escondemos de nós é sempre relacional.

Recalamos uma cena congelada que, ao ser revisitada pela análise, provoca uma mudança nas proporções. Alterando as proporções, a partir de novas referências do presente, o que antes parecia monstruoso e impossível de encarar hoje se torna “uma brincadeira de criança”. Um dia Freud se perguntou o que levava uma pessoa, num processo analítico, a levantar o recalque se ela tinha boas razões para mantê-lo, ou seja, se o recalque a protegia de vivenciar angústia. Concluiu que, na época do recalque, o ego era frágil e o contexto era outro. O contexto atual, que o laço transferencial propicia, possibilita uma correção na proporção do que foi vivido no passado.

Uma criança de cinco anos havia feito um tempo de análise e, mais tarde, aos vinte, retornou ao mesmo consultório. Espantada, ela exclamou: “Mas o outro consultório era muito maior, eu jogava futebol lá dentro!” É assim que ocorre no processo de análise.

O lugar/“não lugar” do analista também configura um paradoxo. Por um lado, é justamente como presença-ausente que o analista cria um vácuo de onde advém o analisando como sujeito ativo. Nesse vácuo, emerge o sujeito confrontado com ele mesmo, com sua relação problemática enquanto sujeito dividido, em que se evidencia uma problematização de si. Por outro lado, a presença efetiva e afetiva do analista é o esteio que, no campo transferencial, acolhe e provoca o analisando em sua inércia sintomática. É essa presença efetiva, com sua escuta amorosa, que vai “amortecendo” a queda, como diz Denise Maurano.

O benefício que o sintoma encobre protege o sujeito do confronto com o conflito, com sua divisão e com a angústia daí advinda. O que se descortina pouco a pouco é uma questão econômica, uma relação custo-benefício que o sintoma revela. O analista parte do pressuposto de que o analisando tem sempre boas razões que justificam seus sintomas. Não sabe quais são elas, mas se propõe a investigá-las com o analisando. Os sintomas são escutados como saída de um impasse, como uma solução. O analista considera toda defesa legítima e acolhe o sintoma, do mesmo jeito que acolhe a resistência. Mas acolhimento não é convivência.

O sintoma do analisando implica sofrimento, um custo, restrição de algo. Esse é um primeiro custo, é o que aparece como queixa. O doloroso do sintoma é óbvio, mas o benefício que esse sintoma encobre e sustenta é sutil e difícil de ser detectado. E de difícil manejo. O analista, com presteza e tato, se inclina, acolhendo o analisando e, aos poucos, ao fazer pontuações, provoca. Com isso, o benefício – o gozo do sintoma – vai se delineando no processo.

Como algo custoso, que provoca tanto sofrimento, pode ao mesmo tempo trazer benefícios, até mesmo protegendo o sujeito? O sintoma protege o sujeito de quê? Que gozo se oculta no sofrimento do sintoma?

Acessar esse benefício requer um tempo de delicadeza no acolhimento dessa resistência e, ao mesmo tempo, a persistência e a coragem para não transformar o acolhimento em convivência. Somos parceiros nessa busca e não cúmplices.

O benefício, quando é acessado, se mostra fictício. No limite, há a tentativa inglória de sustentar um gozo absoluto. Essa é a nossa aposta. Mergulhando com o nosso analisando no benefício que nutre o sintoma, emerge daí um segundo custo, muito mais doloroso de enfrentar: a constatação de que o benefício é ilusório, o que provoca uma queda, mobilizando a angústia. Mas nesse mergulho por águas turvas, por aí mesmo se encontra uma luz no fim do túnel. É um caminho tortuoso – difícil – mas às vezes é até lúdico. O que era lúgubre pode se tornar lúdico. O que era “pra valer” perde seu sentido congelado e parece até “brincadeira de criança”. O acesso ao benefício leva ao mesmo tempo a desconstruí-lo justo por ser ilusório. Mas seria cômico se não fosse trágico!

Nesse processo, é a relação custo-benefício do sintoma que está em jogo. Se o benefício se mantém maior do que o custo, não há como nem por que o sintoma perder a força. É onde a resistência atua protegendo o sujeito. O confronto com esse segundo custo é que leva o benefício a cair como um engodo.

Qual é o alcance desse benefício? O benefício protege o sujeito de quê? Justamente, protege-o da perda da ilusão de completude, em si ou no outro, pela constatação de que somos todos falíveis. O gozo absoluto é um mito. A morte é o que nos une. A conta não fecha. A pretensão de um ideal de si ou do outro cai por terra. E essa queda é evitada de todas as maneiras.

A “lógica do tudo ou nada” prolifera para escamotear esse confronto. Nessa gangorra ilusória, o sujeito se percebe como “tudo” ou “nada”, oscilando como um pêndulo. Ora ele se protege, se colocando como “zero à esquerda”, mantendo um “zero à direita” fora de si, no outro extremo, como desejável, mas inalcançável. Ora ele se percebe como “zero à direita”, deixando os demais como “zero à esquerda”. De um modo ou de outro, se mantém a “lógica do tudo ou nada”. Ou sou “nada” ou sou “tudo”. O “tudo” – nesse contraponto com o “nada” – se mantém como um lugar a que se almeja e se acredita poder chegar. O que só se sustenta precariamente, sendo encoberto pelo sintoma.

Desse modo, desmascarando o benefício como “fake”, um outro custo se revela. Um novo abismo é descortinado, o confronto com o impossível sem volta. A relutância dessa constatação é em função da manutenção da “lógica do tudo ou nada”. É a fantasia do “tudo” que sustenta em si ou no outro a ilusão de que em algum lugar há uma plenitude. Caindo esse véu da completude, advém uma outra fantasia, a do “nada”. Entre essas duas fantasias, a da impotência, de um lado, e a da onipotência, do outro, o que se perde é a potência, em que habitam os gozos possíveis, sempre parciais. É o universo das possibilidades que fica obscurecido por essa “lógica do tudo ou nada”. No início, o confronto com a fantasia da onipotência frustrada, em vez de levar ao ganho do possível, é vivido como pura perda. É tudo ou nada!

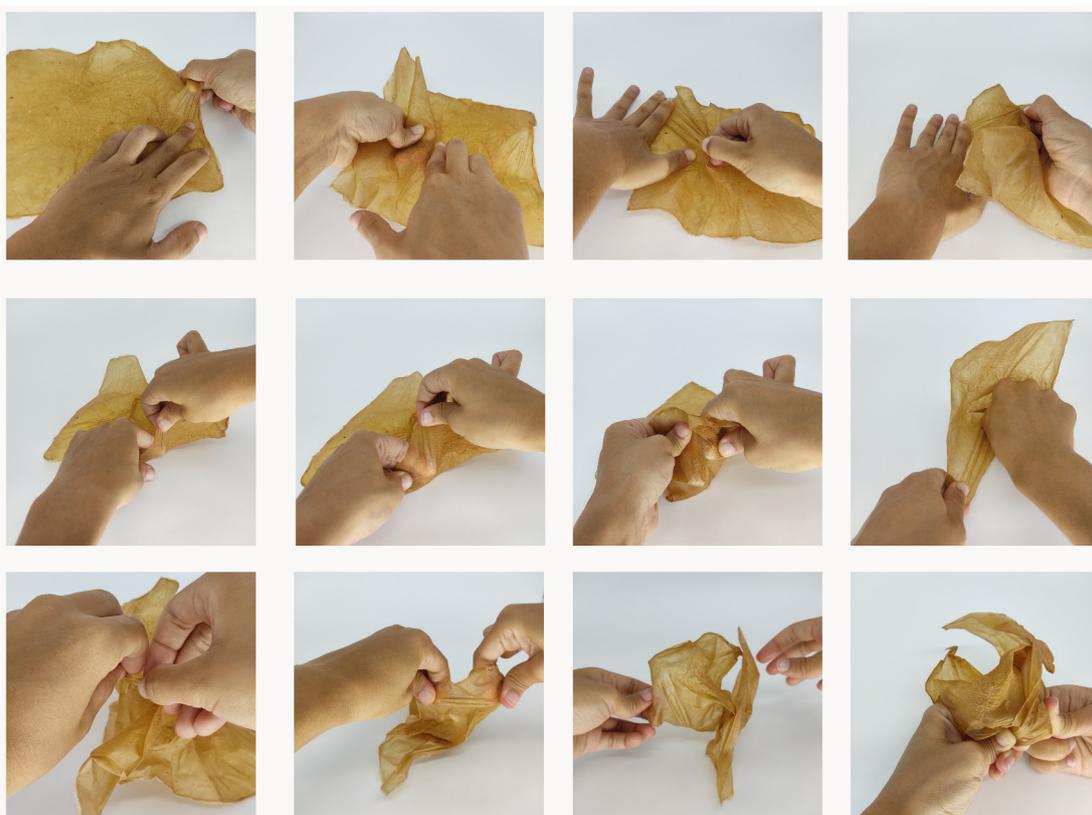
É no trabalho paciente de elaboração, viabilizado pela transferência de trabalho, que juntos, analista e analisando, enveredam por múltiplos caminhos que se abrem em direção a escolhas facultativas de gozo. De gozos possíveis, sempre parciais. “Fazer o máximo dentro do possível” é o que substitui a “lógica do tudo ou nada”. O universo das possibilidades se descortina e o sintoma pode cair, pode se tornar um estilo. Esse é o potencial de transformação que o processo analítico sustenta.

No início deste trabalho, dissemos que ainda não havia tempo hábil para aquilatarmos o alcance teórico-clínico das mudanças ocorridas no âmbito da clínica psicanalítica em decorrência da pandemia. No entanto, após dois anos de atendimento clínico on-line, podemos afirmar que a especificidade do lugar do analista se revelou como um “não lugar”, conforme desenvolvemos ao longo do texto. Essa é a condição necessária, mas não suficiente, para haver análise. O “não lugar” que se constitui como um paradoxo enquanto presença-ausente, se não for modulado por uma presença efetiva e afetiva do analista, com sua escuta amorosa, inviabiliza a análise. Assim, é como presença-ausente, mas, sobretudo, como **presença** que o analista consegue dar conta do seu ofício.

## Clínica como um encontro potente por ser precário

**Julia Severo**

Psicanalista, membro associado da SPID, e-mail: [juliaseveroalves@gmail.com](mailto:juliaseveroalves@gmail.com)



**H**á alguns anos, durante a sessão, uma paciente me fala: “Não me sinto ouvida. Eu me sinto sozinha aqui. Você não está me acolhendo”.

Era ainda o começo do seu processo de análise, mas já se haviam passado mais de dois meses e, nas sessões, eu costumava sentir um incômodo e até sono. Ela se queixava especialmente das relações no trabalho e trazia isso explicando detalhadamente os procedimentos técnicos do cargo que exercia. Uma fala que percebia estar desconectada dos afetos, com apontamentos das falhas dos outros, enquanto se distanciava de qualquer implicação no que relatava. Diante disso, minhas poucas colocações perguntando, por exemplo, como ela havia se sentido em tal situação, eram com a intenção de dar lugar aos afetos, convidá-los a participar e implicá-la ali. Ao mesmo tempo, o sono que emergia em mim nesse encontro, eu encarava como sensação indesejável, falha que precisava ser camuflada. Buscando tirar do encontro algo que fazia parte dele, eu

também me retirava em parte, mas, ao enxergar seu próprio incômodo e dar lugar a ele, evidenciar algo que, de alguma forma, eu também sentia, a paciente foi quem me implicou e, ao acolher isso, tornamos esse elemento material disponível para cuidar da relação.

Em outra situação, com outra paciente, eu passava por um momento pessoal difícil e, naquela semana, sentia-me mais cansada do que o comum. Na clínica, esse estado reverberou na forma de uma lentidão. Sentia-me menos capaz de manejar o que surgia; as falas da paciente atravessavam sem que me sentisse capaz de diferenciá-las, desembaralhá-las internamente e fazer conexões. A experiência era de estarmos juntas numa certa nebulosidade, sem poder nomear o que ela também ainda não podia nomear. Não me refiro a apontar algo oculto, um sentido por trás do que ela dizia, mas, mesmo que eu opere na clínica caminhando lado a lado da paciente, disponho de recursos para digerir em mim o que vem à tona e essa prática parecia inacessível; percebia-me insuficiente. Desse lugar vulnerável, compus o encontro fazendo algumas colocações, mantendo-me mais em silêncio do que o comum e me deparei com o lugar ativo que a paciente ocupou. Das brechas, ela construía e embarcava em caminhos que eu não percebia que havia acabado de estimular a abrir. Em certo momento, ela disse: “a análise é o chão quando meu chão se abre”.

Essas duas situações evidenciaram o lugar que ambos, na díade do encontro clínico, paciente e analista, podem e irão habitar. O psicanalista Anthony Bass, citando Ferenczi, descreve como uma “vantagem de ambos de apreender o inconsciente do outro”:

*Ferenczi percebeu que nem paciente nem analista tem o privilégio quando o assunto é ouvir seu próprio inconsciente, enquanto ambos tinham a vantagem em se tratando de apreender o inconsciente do outro. Esse insight derrubou o baluarte fundamental do anonimato e neutralidade do analista e introduziu um novo conjunto de problemas e oportunidades que fluíram do reconhecimento de uma fronteira muito mais permeável e translúcida entre paciente e analista do que a previamente concebida (BASS, 2015, p. 6, tradução minha).*

Interessa-me aqui dar enfoque às oportunidades que advêm desse insight. Assim como o protagonismo de apreender o inconsciente não é do analista, a vulnerabilidade também não é exclusividade do paciente. Mais do que isso, a vulnerabilidade do analista pode tornar esse encontro de dois seres porosos, potência para a criação. Na primeira situação, a paciente nomeou algo que eu não conseguia ainda e, ao acolhermos o material incômodo como informação sobre o que se passava ali, tornamos esse acidente veículo para uma mudança no processo; mudança não só naquela relação, mas na minha clínica em geral. A segunda paciente também pôs em palavras algo que se passava ali: o chão ao qual se refere não está acabado, pronto. Essa representação imagética da sua experiência é uma construção conjunta de um território não fixado, pois está num construir constante por meio dos agenciamentos de ambas. Nas duas situações, fui surpreendida pelo modo como puderam transformar os materiais que emergiam, fala ou silêncio, em recursos potentes para a criação.

Na tentativa de excluir a vulnerabilidade, percebo que recorria rapidamente ao saber, que funciona como uma fortaleza: um local seguro, inviolável, para nos proteger da permeabilidade de um lugar cuja potência se encontra muito mais no acolhimento do imprevisto, do desconhecido emergente no meio do caminho.

*Muitos acidentes que se poderiam tornar encontro, [sic] não chegam a cumprir o seu potencial porque, quando despontam, são tão precipitadamente decifrados, anexados àquilo que já sabemos e às respostas que já temos, que a nossa existência segue sem abalo na sua cinética infinita: não os notamos como inquietação, como oportunida-*

*de para reformular perguntas, como ocasião para refundar modos de operar. Com o pressuposto de que primeiro é preciso saber para depois agir, raramente paramos para reparar no acidente: mal ele nos apanha, tendemos a bloquear a sua manifestação ainda precária e incipiente (EUGÊNIO; FIADEIRO, 2012).*

O risco de tentarmos deixar de fora nossas vulnerabilidades é o de não sairmos do lugar. Proponho aqui a precariedade do acidente como uma dimensão do encontro que não devemos desejar ultrapassar. Paciente e analista comparecem tanto com presença ativa quanto com seus esburacamentos. Ao não acolher seu próprio esburacamento ou não ser capaz de ouvir quando o paciente o coloca em jogo, o analista perde justamente a força do encontro que está na disponibilidade de serem abalados e, por meios dos sedimentos, juntos constroem um chão não pavimentado, mas em permanente movimentação.

Quando nos deparamos com o acidente da pandemia pelo novo coronavírus, essa determinada força mostra-se essencial para o encontro clínico seguir acontecendo. As três situações a seguir são exemplos das dimensões precária e horizontal em que ambos na díade paciente-analista se encontram e que a ameaça de um vírus e as adaptações consequentes radicalizaram.

Durante uma sessão on-line com uma paciente, por um mau contato entre os dispositivos, percebi que o computador não estava carregando e ficaria sem bateria. Para continuar a sessão, procurei outra tomada e pude continuar, mas sentada no chão. Na minha análise pessoal, o analista precisou encontrar um local no seu jardim em que a internet do celular estivesse funcionando melhor. Finalmente encontrou, precisando ficar de pé, encostado num muro. Uma paciente, sem privacidade em casa, ia para a frente do prédio onde morava fazer a sessão, enquanto andava com o celular na mão. Estávamos todos atravessados pela mesma precariedade, ao mesmo tempo que somente a partir dela o encontro pôde acontecer.

Na exposição virtual “pequenas coisas acontecendo”, a artista Beatriz Galhardo constrói, a partir da sua relação com um material vivo (cultura de bactérias e leveduras da kombucha), naves precárias. No fazer da nave precária, a artista não pode ditar o resultado ou o caminho do processo de feitura, uma vez que a matéria não está estagnada, segue em constante transformação, porosa tanto para manuseio da artista quanto pela influência do ar, do tempo... O material tem suas limitações e é escutando-as que a artista, também viva – portanto, com suas próprias limitações –, poderá compor com ele. Se ela for impenetrável, não conseguirá escutar o que a outra vida informa. Assim como os materiais são pequenos, frágeis e ordinários seres que podem se desfazer, a artista precisa também ser precária para se disponibilizar ao encontro. Tal dimensão não é exclusividade do processo de feitura das naves precárias, porém, neste caso, a escolha do material vivo torna a precariedade literal. O que está sendo construído ali ocorre por meio de afetações mútuas, e a obra exposta, cuja imagem se eterniza na foto, não está acabada, seguirá em constante afetação pelo meio. Exatamente por nunca estar pronta, carrega potência de criação, de vida.



A precariedade não é propriedade de alguém, é própria do encontro. E quando ocorre, produz movimento. A artista torna também literal a dimensão de transporte para alguma outra possibilidade quando constrói suas naves vivas. A imagem de suas mãos manuseando os materiais me tocou especialmente por remeter ao encontro de afetações mútuas, característico também do encontro clínico. Neste, a transformação se dá por meio dos inconsistentes recursos que precisarão ser disponíveis o suficiente, tanto para serem manuseados quanto para não serem mais necessários daqui a pouco, quando, no momento seguinte, outros recursos, também disponíveis ali situadamente, passarem a ser o que o encontro precisa para seguir sendo transporte, veículo para modos de existência. O afeto emergente imprevisível também do analista e que o incomoda precisa ser acolhido e, assim, virar recurso. No caso da primeira paciente, é como se tivesse pegado com as mãos o incômodo emergente, como um material vivo, e oferecido para que pudéssemos escutá-lo com todo o corpo, perceber como é composto e seguir compondo na relação, construindo esse território.

“pequenas coisas acontecendo” é uma exposição virtual do ano de 2021, ano em que continuamos num contexto de pandemia. A literalidade do fazer artístico das naves precárias é concretizada nos improvisos capengas que paciente e analista experimentaram radicalmente nesse contexto. Mais do que isso, o encontro precário, próprio da clínica, foi radicalizado. Diante da minha ausência momentânea e falha em não incluir o incômodo percebido, a primeira paciente construiu um novo modo de se relacionar quando, mais uma vez em sua vida, demandou atenção, implicação do outro e pôde ser ouvida de uma nova forma. É ouvindo a falha, incluindo-a, que a tornamos recurso para transporte e o encontro clínico se torna nave precária.

Steven Kuchuck, psicanalista americano que atendia no centro de Nova York no momento do ataque às Torres Gêmeas, descreve outra situação ainda mais extrema em que a díade paciente-analista é confrontada com a vulnerabilidade compartilhada:

*Forçados a nos escondermos, descobrimos que o campo de jogo estava mais nivelado agora – estranho novo território para adentrar. Refletindo sobre a experiência de atender os pacientes logo após os ataques, Saakvitne (2002) escreve sobre trauma compartilhado (paciente-analista), com a perda como tema dominante para ambos: perda da ilusão de invulnerabilidade, inocência e liberdade de sentir medo (KUCHUCK, 2014, p. 22, tradução minha).*

Proponho aqui que a potência desse novo e estranho território, tal qual experimentou a paciente do segundo caso relatado, está exatamente na construção conjunta do que chamou de chão; caminhando lado a lado, com seus esburacamentos (cheios de buracos), paciente e analista permitem, por meio da mútua afetação, a descoberta de possibilidades impensáveis fora do encontro. Palavra por palavra, sedimento por sedimento, vão construindo veículos de transporte para algum outro lugar.

*Dessa implicação recíproca emerge um meio, um ambiente mínimo cuja duração se irá, aos poucos, desenhando, demarcando e inscrevendo como paisagem comum. O encontro, então, só se efectua – só termina de emergir e começa a acontecer – se for reparado e – consecutivamente contra – efectuado – isto é, assistido, manuseado, cuidado, (re)feito a cada vez in-terminável (EUGÊNIO; FIADEIRO, 2012).*

## Referências

- BASS, Anthony. The dialogue of unconscious. Mutual analysis and the uses of the self in contemporary relational psychoanalysis. In: HARRIS, A.; KUCHUCK, S. (org.). *The Legacy of Sandor Ferenczi*. New York: Routledge, 2015.
- EUGENIO, F.; FIADREIRO, J. *O encontro é uma ferida*. Excerto da conferência-performance Secalharidade de Fernanda Eugenio e João Fiadeiro. Lisboa: Culturgest, 2012. Não paginado.
- GALHARDO, Beatriz. *pequenas coisas acontecendo*. Exposição virtual, 2021. Disponível em: <http://www.beatrizgalhardo.com.br>. Acesso em: 19 set. 2021.
- KUCHUCK, Steven. *Introduction, clinical implications of the psychoanalyst's life experience*. New York: Routledge, 2014.

## Um caminho

### **Ary Band**

Psicanalista, membro titular da SPID, e-mail: [bandary1@gmail.com](mailto:bandary1@gmail.com)

Ilustrações de René Ugalde

Membro associado da SPID, e-mail: [rioplastica@gmail.com](mailto:rioplastica@gmail.com)

*Camiñante, no hay camiño. El camiño se hace al andar.*

Antonio Machado (poeta espanhol)

**A**lberto Bandeira saiu de seu consultório na Urca às oito e meia da noite, bastante cansado. Tinha sido um dia estafante. Deu aula na faculdade de psicologia a manhã toda, enfrentou fila no restaurante, a comida estava ruim e quase não comeu, custou a se desvencilhar do trânsito emperrado, e as sessões no consultório foram difíceis, arrastadas. Saía com um gosto amargo de chatice e com a sensação de que aquele dia não valia, não contava.

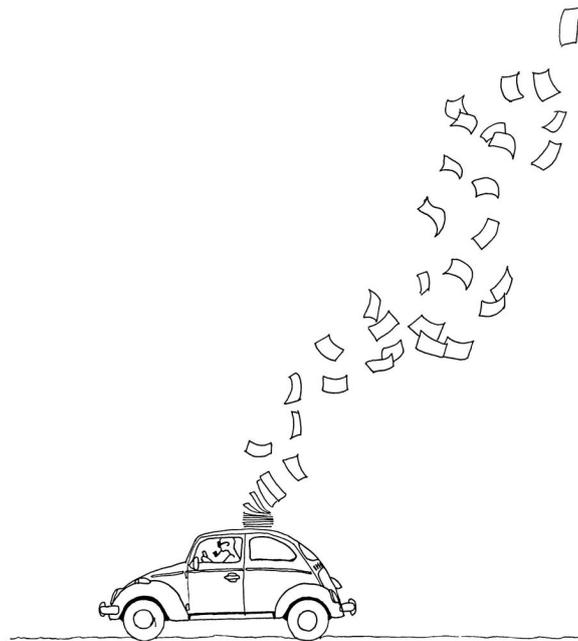
Fechou o portão da casa da Urca, já que era o último a sair da clínica e olhou-a com prazer.

– Bonita a bicha.

Era uma boa compensação para as vicissitudes do cotidiano. Somos sete felizardos aqui, pensou.

Avançou, animado com o ir embora, até o fusca estacionado na porta. Para poder abrir a porta do carro, apoiou sobre o teto a grossa pasta com as anotações sobre o teste de Rorschach, fruto de muitos anos de pesquisas como professor de testes projetivos na universidade. Entrou no carro, sentou-se, ligou e partiu.

Já no túnel que vai de Copacabana para Botafogo, de repente lembrou-se da pasta no teto. Olhou para o banco do carona e nada. Olhou para o banco traseiro... e aí passou um raio pela sua espinha. Parou brusca-mente o carro, saltou, examinou o teto e sentiu uma aflição bem desagradável. Voltou no primeiro retorno, e, durante as seguintes três horas, percorreu obsessivamente várias vezes o caminho que fizera. A pasta realmente desaparecera. Para sempre.



Chorou. Chorou muito, durante mais de um mês. Pensava, lamentando-se, que, antes de perdê-lo, faltava apenas decidir se aquele material desaparecido, tão complexo, tão cheio de novas ideias, poderia dar um ou dois livros, livros esses que certamente estariam inovando a prática existente do teste. Quanta descoberta sutil, quanta novidade a ser proposta, quanta expectativa de aprimorar as possibilidades de interpretar aquelas manchas tão mágicas, na sua capacidade de informar sobre a subjetividade. E o sentimento de orgulho pelas coisas que descobrira, que organizara? Perdido.

Havia algo de errado ali. As coisas não podiam acontecer assim; perdeu e pronto. Não era possível. “Todos aqueles anos”, era o que não lhe saía da cabeça. Lembrava-se das inúmeras horas em que se entregara apaixonadamente, amorosamente, deliciando-se com a investigação dos meandros daquelas complexidades.

Impossível recuperar tudo aquilo. Que desgraça. E chorava. E se lamentava, melancolicamente.

Suas aulas ficaram monótonas, desvitalizadas, mecânicas. Era o canto do pássaro que perdera a companhia.

De repente, um dia ...

Era de tarde, estava indo para o consultório. Seu pensamento oscilava, flutuava, sem destino. Subitamente notou que, na frente, havia algum problema no trânsito, que diminuía de velocidade. O movimento ia ficando quase nulo. Com rapidez, percebeu que podia entrar numa rua que parecia se oferecer como caminho alternativo. Entrou e deu certo. Aquele caminho era melhor, e chegou logo.

Arrumando sua sala, recordou-se, sem saber por que, como se sonho fosse, de uma ginástica que fizera anos atrás. A professora, baixinha e lépida, cuidava singularmente dos cerca de quarenta alunos, passando por cada um enquanto faziam os exercícios, corrigindo e aconselhando. Ela era danada, conseguindo entrar em contato com os detalhes da atividade de cada um dos participantes, com uma agudeza perceptiva que se costuma ver no apurado olfato dos cães.

Aquele exercício que ele estava fazendo era exigente demais para quem apenas se iniciava na arte de mexer o corpo. Alberto, esbaforido, se dizia que iria parar naquele momento, não aguentava mais; justamente então ela passava por ele, e, sensível como era, percebeu imediatamente sua intenção.

– Não pare não. Continue e você vai ver que o exercício vai ficar fácil de fazer.

Que mulher louca, pensou, estou caindo aos pedaços, e ela me diz que vai ficar fácil se continuar. Apesar disso, decidiu insistir mais um pouco. Para sua enorme surpresa, sentiu que o corpo começou a ficar cada vez mais leve e, realmente, foi ficando mais fácil suportar o esforço físico que antes parecia insuportável. Milagre.

Essa lição jamais esquecerá, a de que a gente consegue realizar muito mais do que imagina que é capaz. Uma subestimação constante e generalizada.

Essa recordação o intrigou. Por que se lembrara disso? Pensou no trânsito que enfrentara e viu a associação. Mas só isso? O curioso é que estava se incomodando muito por estar fazendo tais reflexões.

Teve de parar de especular, pois precisava começar a atender.

Acabado o dia de trabalho, lá se foi com seu fusquinha para casa. Durante a viagem, voltaram os pensamentos a atazaná-lo. A imagem voadora da pasta com os importantes papéis apareceu de novo. O sofrimento voltava.

Surgiu então outra lembrança antiga. Estava em Londres, vindo de Paris, onde morava e fazia o curso para o qual ganhara uma bolsa, dirigindo seu Peugeot com mais quatro amigos, tão jovens quanto ele. Precisavam descobrir o endereço da casinha suburbana que tinham alugado por telefone, para passar duas semanas de férias. Encontrava-se assustado com a mão inglesa. Pois a falta de hábito vinha lhe reservando surpresas desagradáveis e perigosas; tinha de prestar uma atenção afiada, já que qualquer engano poderia deixá-lo, como aconteceu algumas vezes, em indigesta contramão. Além disso, também se via perdido, sem ter ideia de qual direção seguir para conseguir chegar ao endereço que tinha anotado num pedaço de papel. Resolveu, então, parar numa esquina e mostrar o endereço para alguém que lá estava parado. O sujeito olhou para várias direções, foi ver de perto duas placas de rua, voltou, olhou de novo com jeito meio desanimado, resmungou em *cockney*, a indecifrável gíria londrina, coçou a cabeça desesperançado e disse:

– Olha só, acho melhor você perguntar de novo em qualquer outro lugar, porque daqui não dá.

Devolveu o papel e foi-se, com ar de insatisfação.

Alberto e seus amigos se surpreenderam com a reação do inglês, mas continuaram mais algum tempo ao azar, sem nenhum sentido escolhido, sem nenhum indício facilitador. Parando em outra esquina, perguntou novamente, e a pessoa não hesitou, informando detalhadamente o caminho e com tanta precisão, que ficou bem fácil chegar à casinha.

Este também tinha sido um ensinamento inesquecível: o de que, às vezes, precisa-se mudar de ponto de partida para poder atingir o objetivo desejado; daqui não dá, tem de ir para outro lugar e tentar novamente. Isso ficou para Alberto como algo altamente metafórico, que lhe foi muito útil várias vezes na vida. Em muitas ocasiões, esse evento veio à sua lembrança, trazendo sempre a possibilidade de buscar alternativas que levassem a bom termo a encrenca de momento.

Ficou ainda mais intrigado. Outra lembrança estranha, parecendo não caber na situação. O que ele estaria querendo se dizer? Tinha alguma mensagem aí. Qual? Teve a sensação de que introjetara um compêndio de autoajuda que um qualquer canto seu não controlado estava consultando.

Em algum momento posterior a isso tudo, surgiu finalmente a explicação. De forma gradual, vindo em pequenas fagulhas, que foram aos poucos iluminando sua tristeza encobridora.

Começou por perguntas que se fez pela primeira vez nessa história.

Por que aconteceu o episódio da pasta? Teria sido por acaso? Ou haveria aí alguma significação mais profunda, mais adequada à sua realidade?

Como não gostava muito de contar com o acaso, preferiu a última possibilidade. Teria de haver algo que pudesse justificar ocorrência tão traumática e que não fosse somente da ordem do masoquismo. Passou então a buscar dentro de si motivação não reconhecida até então para ter jogado fora os resultados de tanto trabalho, de esforços tão dedicados.

– Realmente joguei fora, disse para si mesmo. – Por quê? Para quê? Não quero mais? Será que é isso? Não quero mais. Não quero mais o quê? Não quero mais brincar de Rorschach talvez?

E assim foi, se questionando, se investigando. Demorou algum tempo, mas a melancolia foi se esvaindo, e a cabeça voltou a funcionar. Foi percebendo que trabalhar com testes de personalidade já não o fascinava mais, já não lhe trazia o enorme prazer de antes. Precisava de algo mais intrigante, mais desafiador, mais instigante. Compreendeu que o teste de Rorschach se tornara insuficiente para seu espírito sherlockiano.

Era incrível essa descoberta. Nunca imaginara que isso poderia acontecer um dia. Sempre achara que se sentia completamente à vontade e contente com aquele campo de trabalho e de pesquisa.

Então, um dia em que estava buscando alguma coisa em Freud, para uma determinada necessidade acadêmica, deparou-se com uma frase que ele escrevera para o amigo Fliess: “Desde que passei a me interessar pelo inconsciente, eu mesmo me tornei uma pessoa muito mais interessante”.

Essa frase pegou-o pelo pé, contaminou-o. Ruminou-a bastante. Havia ali algo que o penetrou. Argumentou consigo, que o Rorschach era um teste que se caracterizava por alcançar uma muito boa aproximação do funcionamento inconsciente. É verdade que o próprio Rorschach, que morrera tão cedo, aos trinta e poucos anos, não tivera tempo para desenvolver melhor o interesse que revelara pelas ideias de Freud, pelo conceito de inconsciente.

Mas Alberto também se deu conta de que, apenas uma aproximação era pouco para ele. Era isso! Era o desafio do aprofundamento que buscava. Precisava investigar o miolo da vida emocional humana, o inconsciente, ou seja, precisava da psicanálise.

E aí sua vida mudou.

E assim começou a gestação de um futuro psicanalista.

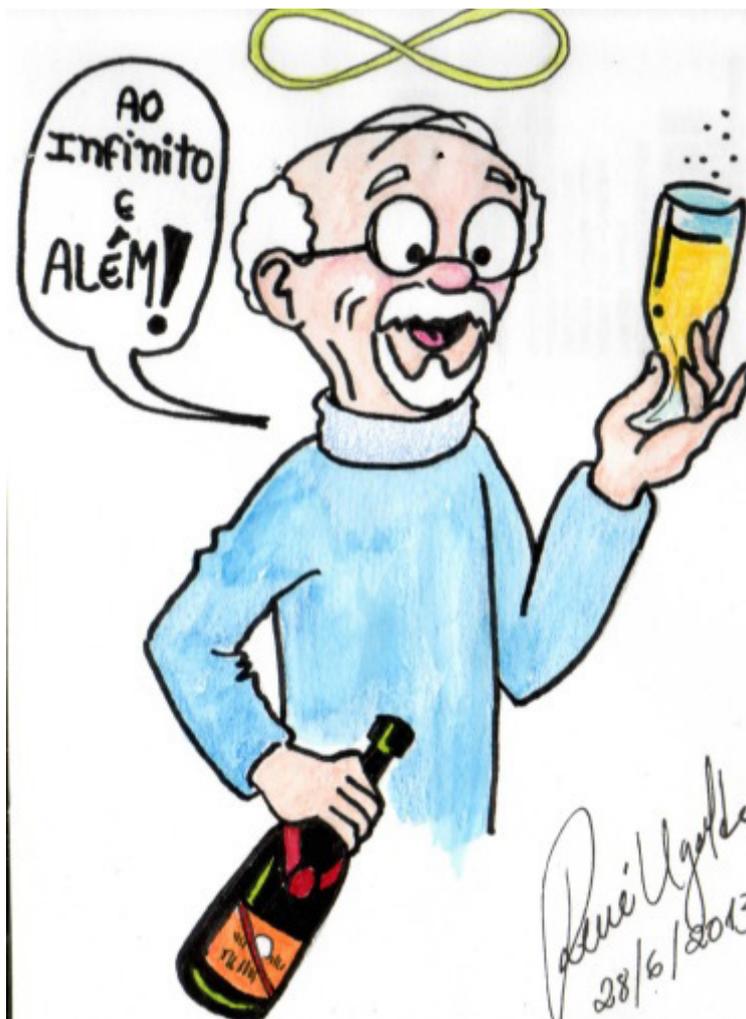


Ilustração: René Ugalde

## Crônica de um não lugar

**Cynthia Azevedo**

Psicanalista, membro associado da SPID, e-mail: [cynthia.azevedo@gmail.com](mailto:cynthia.azevedo@gmail.com)

*“Há um ditado húngaro que diz que você encontrará a sombra mais escura embaixo da vela.”*

Edith E. Eger

O mundo pode ser impenetrável. Dependendo do modo como chegamos e vamos sendo apresentados a ele. Pretender uma integração com o mundo e uma aceitação das coisas oferece certa concretude que nos capacita a apropriar-se de alguma coisa dele para querer criar um lugar próprio. Mas enquanto não se funda esse lugar, muitos de nós andamos sem lugar, sem eira nem beira emocional e psíquica, em tentativas de aliviar o mal-estar de cada dia.

O antropólogo Marc Augé chama de não lugar aquele que de tão homogêneo não tem identidade. É partilhado por todos, sempre com as mesmas características, o que faz parecer que estamos todos em um mesmo lugar. Ele cita os aeroportos, entre outros exemplos.

Em 2020, para trabalhar, nos vimos metidos em salas virtuais aparentemente idênticas. Digo “aparentemente” porque me lembrei de uma mulher idosa olhando pacatamente de sua janela para as diversas janelas, aparentemente iguais, de um prédio em frente ao dela, e observando o que havia de peculiar em cada uma, do que lhe era dado ver de seu ângulo de visão. Móveis, objetos de decoração, animais de estimação.

E associei o prédio observado pela velhinha a uma galeria da plataforma de reuniões *on-line*, os rostos dos participantes, ou parte desses rostos, e o que havia de peculiar no ambiente de cada um. A plataforma seria, então, esse não lugar, um ambiente – virtual – sempre com as mesmas características. Mas não. Cada “janela” tinha lá suas peculiaridades. Móveis, objetos de decoração, e até animais de estimação.

Entretanto, os não lugares descritos por Marc Augé – esses espaços precários e frígidos – chegam a ser hospitaleiros, quando tentamos penetrar no impenetrável ou, até mesmo, escapar dele. É nesses não lugares que muitos vão se refugiar de qualquer significância. Por exemplo, na praça de alimentação de um shopping

como um amplo espaço de congestionamento visual, olfativo e auditivo para muitos estranhos indiferentes e solitários. A hospitalidade ali estaria, então, na mesmice alienante. Mas familiar.

Quero fugir dessa ideia de homogeneidade estéril e pensar o não lugar justamente como aquele em que não nos embrenhamos por ser desuniforme, contraditório, incerto, portanto, assustador. Onde a beleza precisa ser descoberta, já que não é dada como certa. “Como combinar as palavras velhas em novas ordens para que sobrevivam, para que criem beleza, para que digam a verdade?”, pergunta Virginia Woolf.

(Não) lugar que exige nossa coragem e criatividade para pisar e atravessá-lo, para saber perder-se e aceitar-se nele, com todas as suas diferenças, como forma de se encontrar, e de encontrar e se apropriar do que nos é próprio e singular.

(Não) lugar para se “socializar” com as imagens, impressões e lembranças evocadas. Um cais para a reflexão, que torna possível fazer reinscrições com as ideias que atacam e desatacam.

(Não) lugar, nem aqui nem lá. O vazio, o vazio, a pausa, o ápice da inspiração que faz ponte com o instante seguinte. Que, justamente por ser vazio, sem obstáculos, propicia a procura da liberdade.

Um (não) lugar instigante e, por que não, angustiante é também o que está fértil. Penso se não é a partir dele – na busca por um lugar próprio e singular, pleno de significados, entre outras buscas – e para reformulá-lo, que chegamos um dia à terapia.

## Referências

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.

EGER, Edith Eva. *A liberdade é uma escolha*. Rio de Janeiro: Sextante, 2020. Edição do Kindle (p. 173).

WOOLF, Virginia. *A arte do romance*. L&PM Pocket, 2018. Edição do Kindle.

### Possibilidades do “não lugar” na fotografia

**Marcos Sereno**

*Psicanalista, membro associado da SPID – Instagram: @marcos\_sereno*

*E-mail: marcos.sereno2012@gmail.com*

**N**este ensaio, trazemos uma conversa/reflexão de como a fotografia habita na transitoriedade do não lugar, no efêmero do nosso cotidiano acontecendo no gerúndio, enquanto o tempo está “passaaaaaaaando”, possibilitando o ato fotográfico eternizar o “passar logo”.

A proposta deste texto é trazer reflexões sobre a transitoriedade, finitude, fugacidade, efemeridade, temporariedade, impermanência, em que por muitas vezes deixamos de olhar nosso arredor e não nos percebemos no lugar que habitamos, no qual, temos diferentes olhares com distintas lentes para apreender pormenores do belo contido na natureza, e nas pessoas que nos cercam.

A inspiração partiu de uma provocação em encontro de uma das aulas de “Conversa entre Literatura e Psicanálise” com Ninfa Parreiras e Cynthia Azevedo que se realiza quinzenalmente na Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle – SPID, na qual ponderávamos sobre a finitude das pessoas e coisas... Dessa discussão, brotou a sugestão de elaborar um breve texto sobre esse contexto, e apresentar registros com fotografias autorais que transmitissem essa temática. Com essa base, tomei como apoio as reflexões ocorridas no evento, assim como nos autores trabalhados e citados naquelas aulas para pensar sobre fotografia/poesia/literatura/psicanálise e discorrer sobre o enigmático do transitório, o não lugar.

Entendemos que a fotografia é um meio universal de comunicação e em um clique “aprisiona” e se apropria de fragmentos de luz, possibilitando retratar e eternizar cenários e passagens que fazem parte da nossa rotina e que nem sempre registramos de forma consciente.

Assim sendo, optei em fotografar utilizando o celular, pela portabilidade e praticidade, e sobretudo, por segurança, neste momento bizarro de incerteza que vivemos no Rio de Janeiro, assim como em todo o Brasil, onde não podemos levar um equipamento fotográfico potente e ter confiança de que voltaremos com ele. Decidi registrar apenas o belo e, naquele instante, esquecer o momento pelo qual passamos política e socialmente falando, na esperança de que esse tempo também seja breve.

Adriana Falcão aponta que “*o eterno passa logo*”; Bartolomeu Campos de Queirós marca que “*o trabalho do tempo é amadurecer o mundo*”, enquanto Freud assinala em seu texto sobre a transitoriedade (1916):

*Há algum tempo na companhia de um amigo taciturno e de um jovem, mas já famoso e conhecido poeta, fiz um passeio em meio a uma floresta paisagem de verão. O poeta admirava a beleza da natureza a nossa volta, mas sem que pudesse se alegrar por isso. Perturbava-o a ideia de que toda aquela beleza estava destinada a perecer, de que no inverno ela desapareceria dali, assim como toda beleza humana e tudo o que é belo e nobre que o homem criou e poderia criar. Até mesmo o tudo o que ele amara e admirara parecia-lhe desvalorizado pelo destino determinante da transitoriedade.*

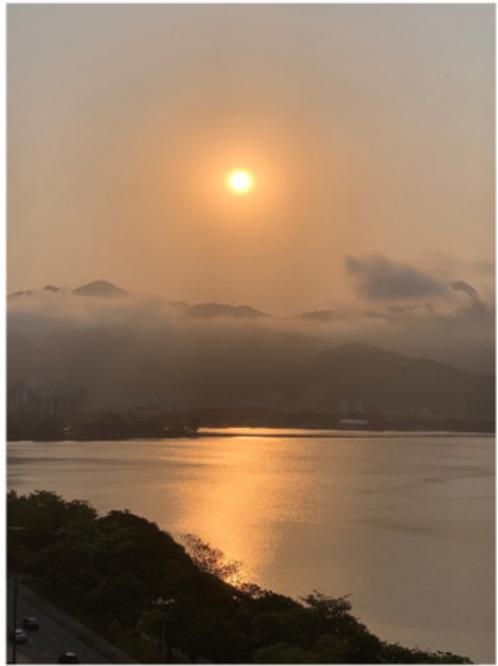
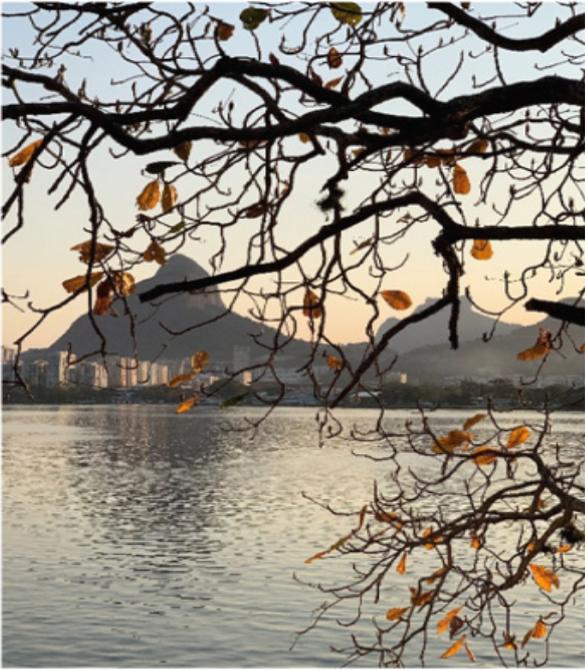
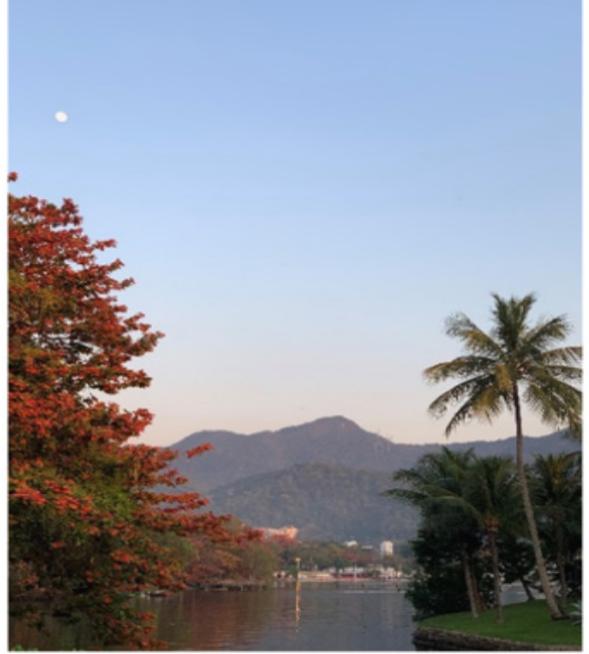
Com essa premissa, saí nas minhas caminhadas a observar a efemeridade do tempo e como poderia capturar em fotos o amadurecer das estações no intervalo em que preparava este texto. Esse intervalo coincidiu com a minha saída do confinamento requerido pela pandemia de Covid-19, e, ter sido vacinado para ter ânimo de enfrentar a vida fora de casa. Trazendo Claude Monet:

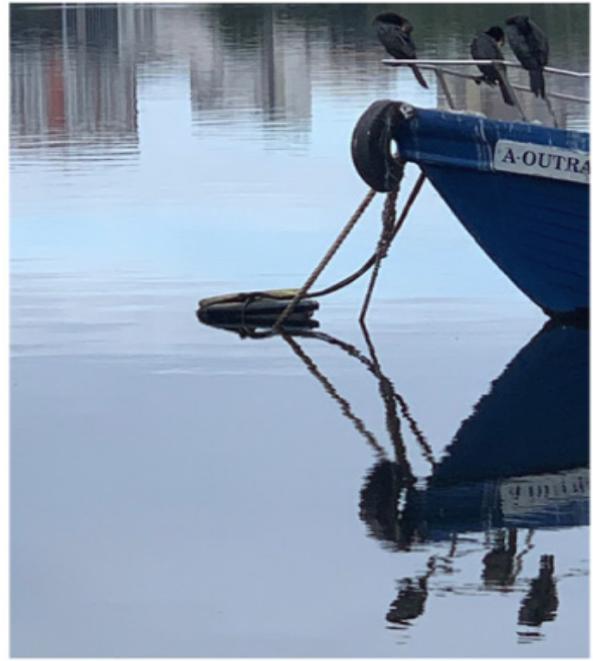
*uma paisagem não fica sob a sua pele em um dia. E então, de repente, tive a revelação de quão encantadora minha lagoa era. Eu peguei minha paleta. Desde então, eu quase não tive nenhum outro assunto.*

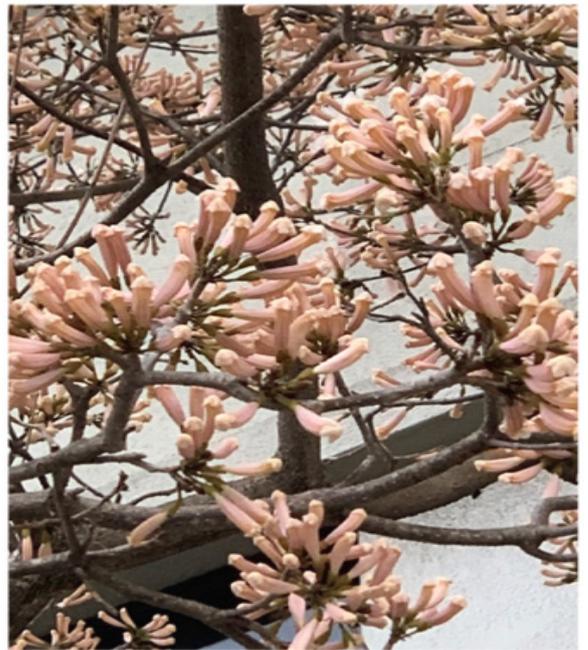
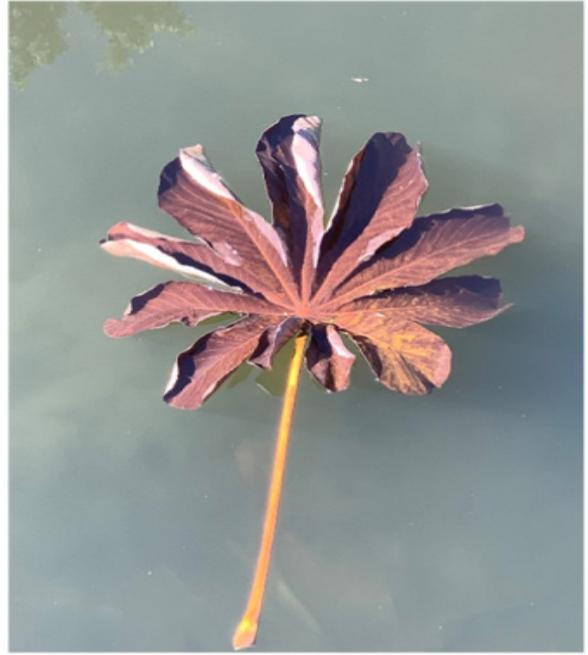
Instigado, com mais afinco e zelo, peguei meu celular e passei à tentativa de capturar imagens da Lagoa Rodrigo de Freitas que pudessem transmitir o belo e sua transitoriedade.

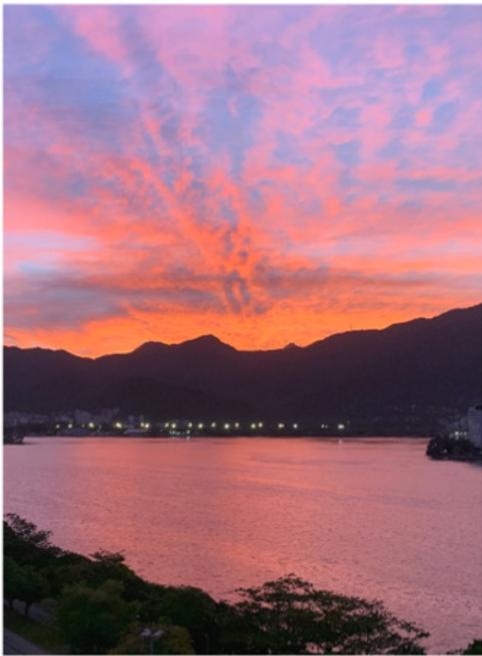
## FOTOS:













Enquanto fazia os registros fotográficos contidos neste trabalho, a frase de Heráclito de Éfeso me acompanhou: “Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio”. No rio, como em toda a natureza, estamos em constante movimento. A paisagem fotografada em um determinado tempo do dia é modificada a cada instante, assim como não somos a mesma pessoa em questão de segundos. No entanto, esse sentimento do transitório não é de finitude, mas de renovação, do devir. No universo “tudo flui e nada permanece”, nesse eterno fluir, cada coisa segue sendo e não sendo ao mesmo tempo. A fotografia de forma “mágica” consegue registrar aquele fragmento de tempo único que, em segundos, já é outro momento e já somos outra pessoa impactada pela captura desses mesmos tempos.

Finalizo com a essência da filosofia de Spinoza e seu sistema totalizante, que tudo abarca. Somos parte de um todo, e devemos estar atentos e sensíveis para com as pessoas e coisas que nos cercam.

## Referências

AZEVEDO, Cynthia; PARREIRAS, Ninfa. Aula 1. Conversa entre a Literatura e a Psicanálise, realizada no dia 2 de setembro de 2021. Disponível no link <https://youtu.be/cliiDpxdli0>. Acesso em: 10 out. 2021.

AZEVEDO, Cynthia; PARREIRAS, Ninfa. Aula 2. Conversa entre a Literatura e a Psicanálise, realizada no dia 16 de setembro de 2021. Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=0o3e5HHWuGc>. Acesso em: 10 out. 2021.

AZEVEDO, Cynthia; PARREIRAS, Ninfa. Aula 3. Conversa entre a Literatura e a Psicanálise, realizada no dia 30 de setembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/c1CLuUZAFWk>. Acesso em: 10 out. 2021.

FALCÃO, Adriana. *Pequeno dicionário de palavras ao vento*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003

FREUD, Sigmund. Transitoriedade (1916). In: FREUD, Sigmund. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 221.

## O desaparecimento do erotismo?

**Abílio Ribeiro Alves**

*Psicanalista, membro e atual diretor da Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro, e-mail: [abilioralves@gmail.com](mailto:abilioralves@gmail.com)*

*“Georges Bataille não se equivoca quando alertou para os riscos da permissividade desenfreada em matéria sexual. O desaparecimento dos preconceitos, algo libertador de fato, não pode significar a abolição dos rituais, do mistério, dos formalismos e da discricção, graças aos quais o sexo se civilizou e humanizou”*

(Mario Vargas Llosa, A civilização do espetáculo).

**P**or que alguns autores postulam o desaparecimento do erotismo na atualidade, quando justamente vivemos uma grande liberdade sexual e de escolha amorosa? Num mundo em que as práticas sexuais e a variedade de parceiros são tão mais permissivas, difundidas e experimentadas, como cogitar o apagamento do erotismo, do desejo e do amor sensual? O acesso à variedade de práticas sexuais e parceiros não indicariam justamente o contrário?

Talvez devêssemos nos perguntar, quanto à oferta desses “outros outros”, qual relação se estabelece hoje entre um sujeito e o seus parceiros? Byung-Chul Han, em seu livro *Agonia do Eros*, propõe a narcisificação do si-mesmo, o apagamento do outro e, ainda, a erosão do Outro. Assim podemos nos perguntar qual seria o estatuto do parceiro sexual para um sujeito? Será que o que está eliminado é justamente a alteridade desse a quem tomo como objeto sexual. Esse outro já não mais representaria uma alteridade ou diferença senão uma prótese ou prolongamento a ser instrumentalizado em favor de um gozo “autoerótico”. O outro como prolongamento do si-mesmo.

A indiferenciação entre o sujeito e seu parceiro não permitiria a experiência erótica na medida em que, segundo Chul Han, a experiência erótica propriamente dita pressupõe a assimetria e a exterioridade do outro: a diferença. Talvez não propriamente uma exterioridade, mas o outro presentificando um corte numa suposta unidade especular dividindo o sujeito e contornando o objeto como faltoso. A causa de desejo é um vazio, um furo: no encontro desencontrado com o outro, o sujeito está descompleto, e a falta que o parceiro

presentifica ali é a causa do desejo. Assim, o outro como causa de desejo é aquele que presentifica a diferença, enquanto o parceiro não diferenciado está como prótese do gozo autoerótico; como uma espécie de fetiche.

Somos ainda capazes de amar? Amar não é o mesmo que querer ser amado. O neurótico é aquele que ama para ser amado. Talvez esse seja um engano necessário num primeiro tempo de uma relação amorosa: a ilusão do amor recíproco. Freud estava convencido de que a incapacidade de amar faz adoecer. Voltado para si, o sujeito esgota-se de si mesmo. A depressão é uma afecção narcisista, enquanto o amor pode ser uma abertura para o outro. Mas em que bases se sustenta o amor nas discursividades vigentes na atualidade? O amar está submetido aos ideais de um amor intelectualizado e regido por posicionamentos políticos de diversos grupos sobre questões de gênero, raciais, feminismo etc. O amor afirmado por enunciados produzidos por essas discursividades não equivale ao amor enquanto experiência de diferença como efeito do encontro faltoso com o objeto amado.

A experiência amorosa é faltosa. Ela visa, a princípio, a recuperação de uma perda narcísica, “daquilo que do ser e do ideal do Outro (dos pais) não se realizou em mim”. Aí está um grave problema nos dias de hoje! Num mundo em que devemos sempre positivar o objeto de anseio, como fica o amor à diferença, se, do ponto de vista do inconsciente, tratar-se-ia de dar à falta o estatuto de perda consentida? O sujeito da linguagem é irremediavelmente faltoso. Trata-se no sujeito freudiano de uma negatividade (castração simbólica) que opera como causa e potência de desejo e não como impossibilidade. Amar é consentir na perda que funda o desejo ou a posição desejante. Isso se conflita com a lógica de consumo em que o objeto de satisfação está positivado pelo enunciado: “Sua satisfação garantida ou seu investimento de volta” (Você não precisa perder nada, você pode ter tudo).

Vivemos num tempo em que essa positividade gera um mercado de próteses, ferramentas e “brinquedos” para uma suposta satisfação erótica. O corpo pode ser remodelado e a potência sexual pode ser calibrada. Essa habilitação ou *upgrade* da capacidade de *performance* poderia ser tomada no âmbito do erotismo?

É nesse ponto que devemos discernir entre o erótico e o pornográfico. Para Chul Han (2017), a pornografia não se define exatamente pelo sexo virtual, por filmes e imagens onipresentes de sexo explícito, mas pela profanação do erotismo. Profanar o sagrado é dispor das “coisas divinas” para o uso comum. O erotismo é aquilo que se insinua entre o sagrado e o profano, há um velamento do erótico que sustenta essa tensão entre o divino e o terreno, digamos assim. Retomemos então aquilo que Vargas Llosa destaca a partir de Georges Bataille quanto à abolição dos rituais, do mistério, dos formalismos e da discricção sobre o sexo. O falante não faz sexo como os animais que habitam a natureza. O homem deixou a natureza para habitar a linguagem. O sexo inclui a dimensão simbólica, inclui a palavra ou o significante para dizer de uma maneira lacaniana.

Se Lacan propõe que “fazer sexo é poesia”, podemos também dizer que o nu dos corpos na cópula é envolvido pela fantasia. Ali o corpo não comparece apenas em sua dimensão real de carne, mas vestido pelo erotismo: um véu entre o sagrado e o profano.

A nudez pornográfica é expositiva. Ela não encobre, antes, escancara os sexos e seus fluídos, penetrações vigorosas em diversos orifícios, banaliza, exhibe movimentos mecânicos e repetitivos. A pornografia excita de forma autoerótica num “cada um por si”. Ela socorre o sujeito impedido de fantasiar a sua cena. Será que a onipresença da pornografia atesta o desaparecimento do erotismo, justamente naquilo em que o erótico revela a particular relação do sujeito com o objeto na fantasia? A fantasia é da ordem de uma construção, ele implica um investimento pulsional e imaginativo em que a posição do sujeito e do objeto marca uma diferença. Será que podemos contrapor o obsceno da exposição nua e crua do coito com o véu da fantasia que recobre, com certo pudor necessário, o impossível da relação sexual que não há?

Vargas Llosa define erotismo como a desanimalização do amor físico. O erotismo humaniza. Ele encontra na proibição de sua exibição ou apresentação explícita não apenas um estímulo de volúpia, mas, também, simultaneamente, um limite em que a pulsão de morte possa estar a serviço de Eros.

Vivemos, no fim do século XX, uma outra epidemia e contaminação viral transmitida, entre outras maneiras, pelo sexo. Ela causava uma síndrome de imunodeficiência que inicialmente levava à morte. Como era possível o sexo ou o amor matar? A revolução sexual e seus efeitos de liberação ou libertação estão associados ao surgimento da Aids. Os pacientes acometidos pelo HIV foram e são, até hoje, estigmatizados pela associação ao comportamento sexual desabonado ou promíscuo. Essa é uma abordagem moralista, sem dúvida. A epidemia da Aids nos trouxe uma reflexão sobre o sexual no laço social. A Aids revela aquilo que estava velado: o sexo realizado para além de seus lugares delimitados socialmente. Um vírus que pode ser contido pelo uso de um preservativo. É interessante pensar que um artefato venha em suplência àquilo que não pode ser dominado: a pulsão. A Aids fala de um ingovernável em todos nós. Desconhecemos as forças que determinam nossa sexualidade. O sexo é para nós um enigma.

Se, de um lado, podemos cogitar a liberação, a banalização da prática sexual, de outro, podemos também apontar para uma força inibidora e repressora de nossa sexualidade. O sexo ali acontecia na alcova de encontros proibidos ou dentro do armário. Isso porque escondemos algo sobre a verdade sobre o desejo de nós mesmos. O HIV é o vírus do entre dois séculos. Ele presentifica o real ingovernável do sexual, o situando muito precisamente entre Eros e Tanatos. Então, assim anunciava o poeta: “O meu prazer agora é risco de vida/ meu sex and drugs não tem nenhum rock’n’roll/ Ideologia/ eu quero uma pra viver...” A Aids pode ter prenunciado a pandemia de nossos dias. Ela inclusive ainda está aí.

Podemos afirmar que muitos dos anseios e propósitos da revolução sexual foram atingidos e ainda estão por ser alcançados: questões sobre gênero; igualdade de direitos entre os sexos, relacionamentos abertos; prática de suíngue; poliamor; aplicativos de relacionamentos ou encontros etc. A luta política, social e ideológica parece confirmar a efetiva presença de Eros, mas o que se testemunha no particular e privado das análises?

As experiências amorosas e sexuais ou o real dos encontros desencontrados são substituídos por anseios e discursos por ideais ideológicos, sociais e políticos. Os ideais do amor e do sexo pulverizam a débil e faltosa experiência amorosa e sexual dos casais, parceiros fixos ou eventuais. A liberdade, a igualdade de direitos entre os sexos se afirmam e se formalizam. Entretanto, podemos perceber uma posição deprimida e por vezes melancólica do desejo. Somos todos iguais e “Narciso acha feio o que não é espelho”. O acesso ao gozo sexual não leva necessariamente à satisfação. A garantia antecipada elimina a função do risco, elimina a possibilidade de se lançar na posição desejante e, assim, a jovem melancólica e incrível artista pop cantava antes de se precipitar na morte: “Love is a losing game”.

## Referências

HAN, Byung-Chul. *Agonia de Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

## Quintas na SPID

**A** partir de maio de 2021, a Comissão de Divulgação e Publicação da SPID começou a organizar o projeto mensal Quintas na SPID, na primeira quinta-feira de cada mês, com transmissão simultânea ao vivo para o canal do YouTube. Com a proposta de receber e escutar convidadas/os com experiências diferentes, na psicanálise e em áreas afins, os encontros acolhem a diversidade, o outro.

Queremos dialogar com o mundo, com a cultura, com a sociedade, e dar visibilidade a práticas de si que possam fortalecer grupos excluídos e discriminados, como os indígenas, os negros, as mulheres, os idosos, as crianças, a população LGBTI+ e outros.

Revisitamos a nossa agenda de 2021 e agradecemos às/aos convidadas/os:

**Maio:** Comissão de Clínica da SPID (Ana Carolina Zonis, Angela Correa, Angela Coutinho, Leandro Santos e Solange Bluvol), quando conversamos sobre os atendimentos da clínica da nossa sociedade.

**Junho:** Ary Band (psicanalista da SPID) compartilhou sua ampla experiência de supervisão em psicanálise.

**Julho:** Amanda Vilela e Nathalia Paseti (profissionais da ONG Casinha, da cidade do Rio de Janeiro, que promove os direitos sociais à população LGBTI+) apresentaram esse pioneiro projeto social e inclusivo.

**Agosto:** Jaider Esbell (artista plástico, curador de arte e ativista indígena), da sua terra roraimense, nos falou de produção artística, de ativismo social, de sonhos e da dura realidade dos povos indígenas brasileiros.

**Setembro:** André Martins (psicanalista e professor do Núcleo de Ética Aplicada da UFRJ e dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e em Bioética da UFRJ, FIOCRUZ, UFF e UERJ) nos aproximou da filosofia de Spinoza e da psicanálise de Winnicott, dois dos seus autores pesquisados.

**Outubro:** Halina Grynberg (psicanalista, mestre em comunicação e escritora), nos revelou algumas de suas pesquisas em psicanálise.

**Novembro:** Ignácio Paim Filho (médico, psicanalista, membro pleno do Centro de Estudo Psicanalíticos de Porto Alegre e membro titular e didata da Sociedade Brasileira de Porto Alegre) nos contou sobre sua atuação pioneira na pesquisa e inclusão da população negra nos estudos e atuação profissional psicanalítica.

**Dezembro:** Abílio Ribeiro Alves (psicanalista e atual diretor da Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro) compartilhou sua experiência com ética e política em psicanálise.

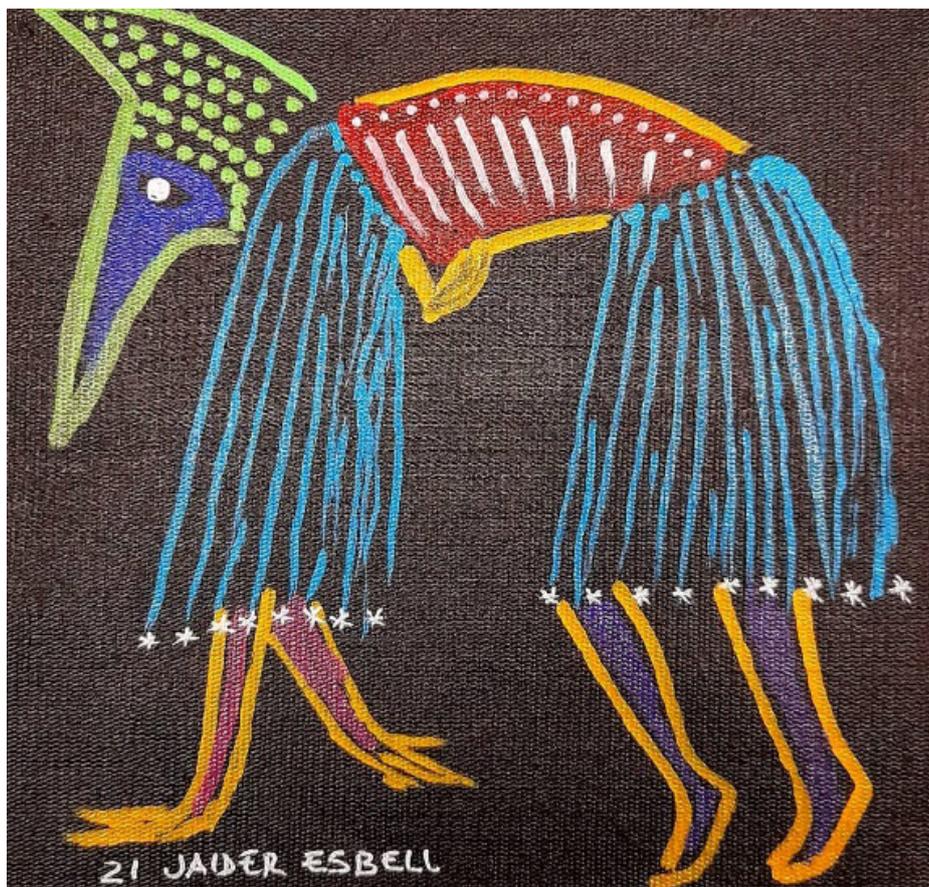
\* \* \*

O artista Jaider Esbell (1979-2021), como ele se autodenominava, nos cedeu gentilmente algumas artes para integrarem a nossa revista. Prestamos aqui uma homenagem a toda sua trajetória que abriu caminhos para a arte indígena, para os artistas nativos contemporâneos e imprimiu subjetividade à criação e produção dos povos indígenas brasileiros.

Unindo arte e militância, Esbell foi central na curadoria da 34ª Bienal de Arte de São Paulo em 2021. Atuou no coletivo, agregando outros colegas para fazerem parte tanto da Bienal quanto do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), com a exposição “*Moquém\_Surari: arte indígena contemporânea*”, uma correalização entre o MAM e a Fundação Bienal de São Paulo.



*Onça autêntica, 2021*



*Amennan, 2021*



*A descida da vovó Jenipapo do reino das medicinas, 2021*

## Sobre a SPID

A SPID – **Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle** tem como princípio a aceitação das diferenças teóricas e práticas e a troca permanente entre pares, o que a caracteriza como pluralista.

A SPID objetiva a transmissão da teoria e da clínica psicanalíticas de forma pluralista.

### SPID

**Sede: Rua Visconde de Pirajá, 156, salas 307 a 310, Ipanema, Rio de Janeiro, RJ**

#### Apoio Secretaria

Adriana Mendes

Heloisa Vogel

### As Comissões da SPID

A **Comissão de Administração** é responsável pelo suporte material e os recursos humanos necessários ao funcionamento da SPID.

#### Entre em contato:

 [spid.adm@gmail.com](mailto:spid.adm@gmail.com)

 (21) 99520-2176

A **Comissão de Clínica** acolhe a prática psicanalítica, seja através de discussões com os membros da SPID, seja atendendo às demandas externas de análise pessoal. Realiza semanalmente o Fórum aberto aos membros, com reuniões teórico-clínicas, em que o pluralismo da SPID está presente.

### Como marcar uma entrevista com um analista da SPID?

#### Entre em contato:

 [spid.adm@gmail.com](mailto:spid.adm@gmail.com)

 (21) 99520-2176

A **Comissão de Divulgação e Publicação** é responsável por desenvolver projetos e viabilizar os recursos técnicos e materiais para todas as formas de comunicação da instituição, do sistema de divulgação externa e informações internas, bem como organizar a estrutura e funcionamento da Biblioteca.

**Publicações da SPID:** Revista Ensaios e Revista Tempo Psicanalítico

**SPID nas redes sociais:** Instagram, YouTube

A **Comissão de Formação** desenvolve atividades de estudo, linhas de pesquisa e de reflexão voltadas para o campo psicanalítico e áreas afins, mantendo permanente interlocução com os membros da Sociedade.

**Consulte nas redes sociais as atividades oferecidas pela SPID:** seminários, grupos de estudos, palestras, jornadas semestrais e bienal etc.

A **Comissão de Percurso** é responsável pela execução dos procedimentos de entrada de analistas na SPID e de passagem a Membro Titular.

## Quer ser membro da SPID?

**Entre em contato:**

 spid.adm@gmail.com

 21 99520-2176

### Coordenação do Conselho Gestor

Angela Corrêa  
Angela Coutinho  
André Avelar  
Bruno Campos  
Cristiana Carneiro  
Ninfa Parreiras  
Sílvia Zornig

### Comissão de Administração

Angela Coutinho  
Bruno Campos  
Marcos Sereno  
Maurilio Rossi  
Patrícia Bozano

### Comissão de Clínica

Angela Coutinho  
Angela Correa  
Leandro Santos  
Lilian Nobre  
Nadia Couri  
Solange Bluvol

### Comissão de Divulgação e Publicação

Ninfa Parreiras  
Cynthia Azevedo

Janaina Garcia  
Leandro Santos

### Comissão de Formação

André Avelar  
Carolina Vidal  
Tabatah Flores

### Comissão de Percurso

André Avelar  
Bruno Campos  
Marcio Pereira  
Roberto Naar  
Silvia Zornig

### Equipe Editorial Revista Ensaios

Angela Coutinho  
Cynthia Azevedo  
Janaina Garcia  
Leandro Santos  
Nadia Couri  
Ninfa Parreiras  
Patrícia Nóbrega  
Solange Bluvol

# SOCIEDADE DE PSICANÁLISE IRACY DOYLE – SPID (em dezembro de 2021)

## **Membros Titulares**

André Avelar  
Angela Correa  
Angela Coutinho  
Ary Band  
Bruno Campos  
Cristiana Carneiro  
Dirce Cunha  
Edelyn Schweidson  
Ivanisa Teitelroit Martins  
Jacy Pinho Moreira  
Leon Capeller  
Márcio Pereira  
Ninfa Parreiras  
Ruth Goldemberg  
Sílvia Zornig

## **Membro Titular Licenciado**

Lídia Levy

## **Membros Remidos**

Antonio Mamede  
Ana Maria Rudge  
Eliane Mendlowicz  
Regina Helena Hebert Táccola  
Nahman Armony

## **Membros Associados**

Ana Tourinho Zonis  
Andrea Christina N. da Rocha  
Auterives Maciel  
Carla Figueiredo do Amaral G.  
Marquez

Carolina Balarini  
Carolina Vidal  
Cynthia Azevedo  
Daisy Magalhães  
Deborah Geller  
Daniela Hoffbauer  
Edna Ribeiro  
Ednéa Marques  
Elane Niskier  
Fernanda Feldman  
Flávio Vieira  
Gabriela Chalub da S. Neto  
Gabriela Rodrigues Dell'Armi  
Gustavo Benevides  
Hudson A. R. Bonomo  
Ingrid Gerolimich  
Ignez Guita  
Janaina Garcia  
José Eduardo Maia  
Julia Brandão  
Julia Severo  
Julliane Ortman  
Karin Muller  
Leandro Santos  
Leila C. Jorge  
Leonardo Alves  
Lilian Nobre  
Luiza Dalalle  
Marcelo Velloso  
Marcio Garrit  
Marcina Vidaurre Leite  
Marcos Andrade  
Marcos Sereno

Maria Izabel Guimarães  
Maria Marta Reis  
Mario Bruno  
Maurilio Rossi  
Michele Aquino  
Nadia Couri  
Odenice Karla  
Patricia Bozano  
Patricia Guimarães  
Patrícia Nóbrega  
Regina Osório  
René Ramos de Ugalde  
Roberto Naar  
Solange Bluvol  
Sueli Cidade  
Tabatah Flores  
Thiago Bastos  
Victor Di Francia  
Yasmine Callil

## **Membros Associados Licenciados**

Francisca Ironildes Vanderlei  
Francisco Novello  
Luciana Oliveira Rodrigues Jesus  
Luiza de Andrade Cardozo  
Mariana Luz Puppim  
Paula Cerqueira  
Paula Campos  
Rebeca Muller  
Valentina Eyler